



Foto: Mônica A. Brizol
A manifestação de Goiânia mostrou que esta é uma luta do povo inteiro

Comício de 10 mil por eleição direta para a presidência

Veio tanta gente ao ato de lançamento da campanha do PMDB, em Goiânia, que ele teve de ser feito ao ar livre. Página 3

Ritmo infernal de trabalho gera clima de guerra na Fiat

Operários da planta de motores Fiat em Brasília chegam a enlouquecer na fábrica. Última página

EDITORIAL

O bicho papão

“Olha o bicho papão!” era o argumento para amedrontar as crianças antigamente. Agora o general Figueiredo bate o pé e ameaça: “Olha o golpe!”

Este foi o pretexto usado para convencer os deputados do próprio PDS a assinarem um documento de apoio ao presidente. O objetivo declarado seria unificar as fileiras governistas sob a direção do presidente.

Mas é evidente que insinuações deste tipo têm também outro endereço: amedrontar os opositores das classes dominantes que temem a radicalização política e preferem a conciliação.

Em primeiro lugar é preciso lembrar que foi exatamente o golpe militar de 1964, e os sucessivos governos impostos pelos generais, que levaram o país a uma situação dramática. Tão grave que tornou-se impossível acomodar até mesmo os interesses dos grupos que até hoje apoiaram o governo.

Depois, é preciso ver que é tão grande a divisão entre os donos do poder, tão isolados e desmoralizados eles estão, que o tal golpe nas condições atuais, embora seja um bicho-papão, é uma ameaça difícil de concretizar. Não se pode descartar uma solução deste tipo. Ainda que seja um plano permanente dos fascistas é seguramente uma saída complicada no momento.

O governo num dia impõe um pacote, no outro lança um decreto-lei. Faz remendo sobre remendo, aturdido com sua própria incapacidade e trêpido diante das ordens cada dia mais exigentes do FMI. Agora percebe que já não pode também controlar o jogo político da sucessão. Desesperado, Figueiredo não consegue nem mesmo um acordo para levar um candidato unitário à convenção do PDS. E tem medo de perder até no Colégio Eleitoral pré-fabricado.

Nesta situação é que vem o re-

cardo: “Posso largar os políticos e governar com os militares.” Mas a verdade é que todos os presidentes desde 1964 sempre governaram com base no Alto Comando das Forças Armadas. O que está diferente é que agora Figueiredo não consegue sequer a subserviência fisiológica do partido governista. Alguns percebem que é hora de abandonar o navio à deriva. Outros sentem seus interesses prejudicados pela crise e pelas exigências do FMI e dos banqueiros. Outros tratam de aproveitar a oportunidade para pedir um pedaço maior no saque ao povo brasileiro.

Para os 120 milhões de brasileiros a saída não virá das ameaças golpistas, nem dos conchavos do PDS ou dos tais consensos que os conciliadores querem nos empurrar. São todos emburlosos com frutas podres.

Os incompetentes donos do poder precisam ser substituídos. O grande impasse em nosso país hoje é exatamente entre a vontade das mais extensas camadas sociais e a insistência dos generais em manter o monopólio do poder.

Eleições diretas para a presidência da República e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana são hoje pontos centrais que podem unir todos os que anseiam por liberdade e democracia em nosso país. Por isto mesmo podem servir como impulsionadores de um vigoroso movimento capaz de abrir o caminho para as transformações profundas que o país exige, no plano político e econômico.

Se falarmos em golpe, mais urgente se faz a mobilização popular porque é o mais eficaz antídoto contra a ação dos fascistas e todos os inimigos da pátria. O recuo nesta hora tão grave serve para deixar o campo aberto às soluções ditadas pelo FMI e pelos golpistas que há 19 anos achincalham o Brasil e oprimem nosso povo.

FMI impõe a falsificação dos salários



O Chile enfrenta o general Pinochet

Nem matando e prendendo seus opositores a ditadura militar conseguiu barrar o protesto chileno. Página 2

O governo acoberta os maníacos sexuais

Mais de 5 mil pessoas foram às ruas protestar contra a impunidade dos “filhinhos de papa” em Alagoas. Pág. 8



Foto: Luiz Coimbra
Manifestação com mais de mil pessoas em S. José dos Campos

Mutuários decidem não pagar aumento de 130%

Na página 5 o líder do PMDB, deputado federal Freitas Nobre, dá sua opinião sobre a luta das vítimas do BNH

O governo agora inventou o pacote à prestação: dia 9 cortou os subsídios, jogando os preços para cima; dia 14 cortou o orçamento das empresas estatais, agravando a recessão e o desemprego. E agora vem com o roubo nos salários transformado em sistema, através da tal desindexação, prometida para o dia 19. Figueiredo disse que isso “não quer dizer que nós vamos passar a obedecer aos bancos internacionais, nem ao FMI”. Mas ninguém acredita nele. Página 3.

Figueiredo bate a porta na cara dos funcionários

O governo federal recusou-se a ouvir a comissão de 200 mil servidores federais em greve por todo o país. Página 4



Foto: Luiz Coimbra
Dois mil bancários na assembleia de São Paulo, em Brasília. 4 mil

Funcionários do Banco do Brasil preparam greve

Eles não aceitam o pacote do arrocho que o governo quer lhes impor. Veja na página 5.

Viração conquista grandes vitórias no movimento estudantil

Veja a relação dos êxitos na pag. 5

O belicismo vence a eleição na Inglaterra

Mesmo sem ter a maioria dos votos (ver box), o Partido Conservador, da primeira-ministra Margaret Thatcher, obteve uma vitória esmagadora nas eleições britânicas. É um governo belicista e direitista como o de Thatcher só pode representar um avanço na escalada para a deflagração de uma nova guerra geral no mundo.

Atômico, o vice-líder do Partido Trabalhista, Dennis Healey, comentou a vitória do Partido Conservador, assim que a BBC divulgou as primeiras projeções: "Este resultado coloca a Grã-Bretanha nas mãos do governo mais reacionário, mais de extrema-direita de toda a sua história".

De fato, a "dama de ferro" não esconde que encarna uma política de guerra e fascismo. O centro da sua campanha foi exatamente a exaltação da agressão colonialista britânica nas Malvinas. Foi exacerbando os sentimentos mais chauvinistas dos ingleses neste episódio que a primeira-ministra se transformou, da "governante mais impopular da Inglaterra" numa chefe de Estado com grande respaldo de massas internas.

FIEL ALIADA DE REAGAN
Nos últimos quatro anos Thatcher tem sido uma das mais fiéis aliadas do presidente Reagan no cenário internacional. Em diversos episódios, como o conflito da



Thatcher, a "dama de ferro", derrotou o trabalhismo de Michael Foot

América Central, ela tem se aliado com Washington, até mesmo contra as demais potências da Europa Ocidental. A permanência da "dama de ferro", assim, era decisiva para a continuidade dos planos guerreiros da Casa Branca no mundo. Por isto Reagan incentivou Londres a antecipar o pleito eleitoral em um ano: para não ariscar realizá-lo num momento em que a popularidade de Thatcher certamente estaria mais baixa, em função do peso da crise econômica.

Os Estados Unidos saudaram entusiasmadamente o resultado das eleições, através de telegrama do próprio presidente Reagan que exultou a vitória "impressionante" dos conservadores. E a "dama de ferro" reeleita, provando aos americanos que não brinca em serviço, já avançou ainda mais no direitismo de seu governo, afastando do ministério das Relações Exteriores Francis Pym, considerado excessivamente "moderado", substituindo-o pelo mais "duro" sir Geoffrey Howe, e aventando com a possibilidade de acabar com as liberdades sindicais, diminuir os benefícios da previdência social, armar a polícia e restabelecer a pena de morte.

VITÓRIA IRLANDESA

No Partido Trabalhista o clima é de total desânimo. Afinal ele sofreu a sua maior derrota eleitoral desde 1922. Como ele já foi governado em várias ocasiões, sem resolver nenhum dos graves problemas que afligem à classe operária britânica, grande parte dos trabalhadores ingleses não se sensibilizou com a pregação dos trabalhistas, entendendo que estes tão pouco apresentavam soluções reais para o problema do desemprego, que hoje aflije a 3,5 milhões de pessoas.

É importante ressaltar a importante vitória dos patriotas irlandeses, que conseguiram eleger o vice-presidente do Sinn Féin, Adams, partido vinculado ao Exército Republicano Irlandês, para o parlamento britânico. Adams foi impedido inclusive de pisar em território britânico no ano passado, com base numa suposta lei "anti-terror".

(Luis Fernandes)

O truque do voto distrital

O resultado das eleições britânicas revela para a opinião pública brasileira a extrema distorção da vontade popular no sistema do voto distrital. Saiba-se que este tipo de eleições "democráticas" esconde na verdade o poder real do dinheiro e do capital que em última instância decide a sorte de qualquer eleição. Mas dentro dos dissonantes princípios liberais, o sistema proporcional ainda se aproxima mais do suposto ideal de traduzir no parlamento a "vontade soberana" do povo, dando uma representação de preferência política do eleitorado equivalente à porcentagem de votos alcançada por cada corrente. Mas no sistema de voto distrital esta representação mais "fidel" é negada da forma mais absurda. Vejamos o caso das últimas eleições inglesas.

Na verdade o Partido Conservador da "dama de ferro" teve uma porcentagem de votos in-

ferior em dois pontos à sua votação em 1979. No entanto, seu número de cadeiras deu um pulo de 313 para 397. Os conservadores tiveram apenas 42,40% dos votos contra 57,60% dos demais partidos reunidos. Mas no parlamento abocanharam nada menos de dois terços das cadeiras. É o caso mais sintomático, e resultado da aliança liberal-social-democrata em relação aos trabalhistas. A aliança obteve 24,6% dos votos, contra 27,6% do Partido Trabalhista, uma votação quase igual. Mas os liberais e social-democratas não conseguiram mais do que 23 cadeiras, contra 209 dos trabalhistas: quase dez vezes menos.

É esse mesmo sistema que os generais aqui do nosso "paraíso tupiniquim" querem implantar no Brasil. Visam transformar a maioria em minoria e liquidar de vez a representação popular.

Adiado prazo da campanha da TO

Companheiros e amigos leitores da **Tribuna Operária**:

Resolvemos adiar para 20 de julho o término da nossa **Campanha Karl Marx**. Alcançamos neste número a tiragem de aproximadamente 42 mil exemplares. Mas a grande maioria das sucursais considera que, por falhas cometidas na organização da campanha, não seria possível realizar as metas no prazo definido. Dai o adiamento por um mês.

Com a situação de estrangulamento em que vive o país, mais do que nunca os trabalhadores voltam-se para a política. E a política de vanguarda do proletariado atrai a atenção das massas populares e das forças eletivamente democráticas. Novos métodos e novas formas de atuação

impõem-se para os operários e trabalhadores conscientes. E como dizia um destacado dirigente proletário morto ao retornar ao Brasil, depois de anos de exílio, para organizar e dirigir o impetuoso movimento de massas que se anuncia, acima de tudo é preciso "pensar grande", sair do espírito acanhado dos pequenos círculos. E para forjar um amplo movimento político de massas, é indispensável um jornal político nacional com as ideias da classe operária.

Os resultados alcançados até agora representam já uma certa vitória. Passar de 30 para 42 mil exemplares em dois meses não é desprezível. Mas é insuficiente, assim como são insuficientes as assinaturas e as finanças até agora arrecadadas. Elas refletem que entre

a teoria de "pensar grande" e a prática ainda existe uma certa distância.

Não temos no entanto nenhuma razão para pensar que o problema é insolúvel. Pelo contrário, em sua maioria as sucursais confessam que se atrasaram, mas mostram planos para esquentar a campanha. Confiamos no imenso potencial dos trabalhadores que em todo o país possibilitaram a criação da **Tribuna Operária** e que a têm mantido com um apoio decisivo. Algumas sucursais já cumpriram as suas metas. Neste prolongamento precisamos realizar um esforço para superar os planos e ajudar alguns retardatários. Afinal o que está em jogo é a batalha pela liberdade e pelo socialismo, da qual o nosso jornal é instrumento de primeira ordem. Mãos à obra. (Rogério Lustosa)

Estas sucursais merecem atenção

Os resultados parciais

Resultados recebidos até o dia 15 (é importante que as sucursais enviem os dados sobre o que estão realizando).

Sucursal	Venda	Novas Assinaturas	Finanças
Maranhão	ultrapassou a cota	74	97.500
Bahia	cumpriu a cota	372	924.720
Minas	cumpriu a cota	139	—
Rio Grande do Sul	90% da cota	70	124.900
Ceará	cumpriu a cota	—	—
Piauí	cumpriu a cota	—	—
Paraná	—	50	—
São Paulo	82% da cota	256	—
Santa Catarina	—	20*	145.000

* Este tem sido enviado pela grande divisa ocidental. Feitas ed por em colaborador, da cidade de Maravilha.

Apesar dos resultados ainda modestos da **Campanha Karl Marx**, no geral é importante destacar algumas sucursais. Em primeiro lugar, o grande exemplo que vem dos operários alemães e portugueses amigos da **Tribuna Operária** que moram em Dusseldorf, na Alemanha. Eles decidiram participar da campanha. No dia 14 de maio fizeram uma festa para apoiar o jornal. Conseguiram 550 marcos Cr\$ 111 mil e fizeram 3 novas assinaturas.

A sucursal do Maranhão, vencendo grandes dificuldades, ultrapassou a meta de vendas de jornal, cumpriu a meta de finanças e ainda pagou Cr\$ 200 mil de dívidas anteriores, está muito próxima de alcançar a cota de assinaturas do Estado. Só o companheiro Valter, de Imperatriz, mandou 16 assinaturas. A Bahia cumpriu a meta de vendas (9 mil jornais) e de finanças (Cr\$ 900 mil). Minas Gerais cumpriu a meta de vendas e de assinaturas — destacando-se uma operária de Contagem que fez 16 assinaturas com seus colegas de fábrica.

Do ponto de vista negativo, as sucursais do Paraná e do Espírito Santo até hoje não começaram a campanha. E o Pará também mal passou das promessas.

Em São Paulo, apesar do esforço de algumas cidades, até o momento o acerto dos jornais vendidos é ruim, acumulando-se uma grande dívida.

Convite ao trabalhador para apoiar seu jornal



Leia e assinava a **Tribuna Operária** porque está comprometido com a luta de todos os trabalhadores. Luta ao lado do trabalhador rural contra o latifúndio e os grileiros, pela reforma agrária que garanta terra para quem nela trabalha.

Amparo Sesil do Carmo — Presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás.

A **Tribuna Operária** tem sido um importante instrumento para trazer à tona a profundidade da crise vivida pelo país e a falsa saída do regime. Ela contribui para que o povo se conscientize e se organize na luta pela construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. Conclamo a todos os democratas para que leiam, divulguem e assinem a **Tribuna Operária**. Deputado Federal Aldo Arantes.



Chilenos fazem novo protesto nacional contra Pinochet

O Chile voltou a viver momentos agitados na última terça-feira, quando foi realizada a segunda jornada nacional de protesto contra o regime fascista do general Augusto Pinochet. Segundo o Comando Nacional dos Trabalhadores, organizador da jornada, ela teve a participação de uma multidão três vezes maior do que a manifestação anterior, de 11 de maio.

O governo militar reprimiu as primeiras concentrações, em Santiago, usando bombas de gás lacrimogêneo e efetuando mais de 30 prisões. Mais de mil estudantes enfrentaram a repressão com barricadas, aos gritos de "Abaixo a Ditadura" e "Democracia Agora". Advogados invadiram as varas criminais, onde leram a Declaração dos Direitos Humanos.

O índice de falta nas escolas chegou a 80%. Grande parte do comércio não funcionou, e os meios de transportes estavam quase vazios. Entre 20 e 21 horas as buzinas de carros foram acionadas, e as luzes de dezenas de milhares de casas de apagaram, em protesto contra o governo. Donas de casa marcharam pelas ruas, batendo em painéis vazios nos principais bairros operários, onde ocorrem prisões em massa na manifestação anterior. Desta segunda jornada, inclusive setores antes vinculados ao general Pinochet participaram. O velho ditador, por seu lado, ameaçou jogar as polícias "no buraco, para que o problema se resolva de vez".



Uma das muitas manifestações do dia 13, em Santiago do Chile.

O degredo em Piságuia

O governo chileno enviou para o degredo, no campo de concentração de Piságuia, 34 pessoas, em março último. A idade dos deg. variava entre 19 e 51 anos. Piságuia é uma comunidade de pescadores, com uma população inferior a 100 pessoas a 160 km de Iquique. É uma verdadeira ilha em meio do deserto, do qual é impossível escapar.

Além das condições de isolamento da aldeia, a situação se agrava devido à falta de conteúdo onde conseguir o indispensável para o consumo, e à falta de assistência médica e saneamento básico. Já em 1947 Piságuia transformou-se em campo de concentração, retornado após o golpe militar de 1973.

Um ex-detento desse campo de concentração conta que ali "nos privam de luz e água. Nos isolavam. Resistíamos, porém começamos a adoecer. Começaram a ocorrer transtornos mentais em alguns companheiros". Vários adversários políticos da ditadura fascista chilena foram fustigados em Piságuia.

Atualmente, a quantidade de pessoal armado foi reforçada. As condições geográficas dificultam a sobrevivência no povoado. Pessoas que vençam as dificuldades de locomoção, para visitar os presos, são submetidas a rigorosa revista. O poeta chileno Pablo Neruda chamava a Piságuia "letra de dor, manchada pelo tormento".

Desejo receber em casa a **Tribuna Operária**. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., R. Adomiran Barbosa, 53, (antiga Trav. Brig. Luis Antonio) — Bela Vista — São Paulo, SP — CEP 01318.

Anual de apoio (52 edições) — Cr\$ 7.000,00
 Semestral de apoio (26 edições) — Cr\$ 3.500,00
 Anual comum (52 edições) — Cr\$ 3.500,00
 Semestral comum (26 edições) — Cr\$ 1.750,00
 Assinaturas do exterior US\$ 70,00

Nome:
 Endereço:
 Cidade:
 Estado:
 CEP:
 Telefone:
 Data: Profissão:

Desindexação: fraude nos salários

“Lá vem o Brasil descendo a ladeira” é o tema musical da semana. Com orientação da supermissão do FMI, que nos humilha com sua visita, o governo vai tomando medidas. Elas não vêm de uma vez: Figueiredo inventou o pacote a prestação. No dia 9 e no dia 14 os pacotes arrasaram as empresas estatais. Para o dia 19 são esperadas as medidas de um novo tipo de arrocho: a “desindexação”, ou falsificação dos salários.

O arrocho nos salários é um ponto de honra para o FMI, representando a sede imperialista da mão de obra barata. A novidade dessa vez aparece disfarçada pela palavra “desindexação”, tradução para o português: “falsificação dos índices”. Não é um truque novo. Foi isso que fez Delfim Netto em 1973, com o cálculo dos índices dos reajustes salariais, tão bem denunciado pelo Dieese. Agora o FMI quer transformar o crime em política oficial. O método seria falsificar o INPC, que serve de base para todos os reajustes salariais abaixo de 20 salários mínimos. Se a inflação tiver uma taxa de 150%, por exemplo a turma do Delfim “arranja” um INPC de 130 ou 120, roubando 20 ou 30% dos bolsos dos trabalhadores.

Há uma corrente, altamente equivocada, que concorda com a desindexação do INPC desde que a correção monetária (valor das ORTNs) também seja “expurgada”. A argumentação se baseia na falta de correção monetária ser um índice que reajusta as taxas de juros. A falsa justiça desse argumento diz que o “democrático” seria mexer nos salários e nos juros. Todos sabem que os banqueiros sempre acham uma forma de aumentar os juros, pois são eles parceiros das multinacionais no domínio do Brasil. Mexer nas ORTNs será apenas demagogia, pois as taxas de juros são frutos do monopólio do setor financeiro, não podem ser mudadas por decreto.

GOLPE TRAIÇOEIRO

As empresas estatais foram o alvo principal das medidas tomadas nas duas primeiras prestações do pacote. O valor total dos investimentos ficará 3 trilhões de cruzeiros abaixo do realizado em 1982, representando um corte de 34% — considerando uma inflação de 150% para 1983. Foram também cortadas no seu acesso ao crédito, que só poderá crescer 6% ao mês, bem abaixo da inflação mensal de 10%, esperada pelo próprio governo.

As estatais são responsáveis por 30% da produção nacional. Empregam diretamente 1,5 milhão de trabalhadores. Grande parte das indústrias

de máquinas e bens de capital produzem diretamente para as estatais — sua posição no parque industrial é estratégica. Ao atingi-las o FMI busca destruir toda a indústria nacional, deixando o caminho livre para as multinacionais.

Os funcionários das empresas estatais deverão ser vitimados por mais uma prestação do pacote. Há um decreto pronto para ser assinado pelo Figueiredo que é um verdadeiro pega para capar.

Todas as conquistas que os empregados das estatais conseguiram serão deturpadas por terra: eles perderão o 14º salário, participação nos lucros, ganhos de produtividade, complementação das aposentadorias e serão cortadas as promoções. Um exemplo do achatamento salarial dessas categorias é o que acontecerá com o Banco do Brasil já nos próximos reajustes salariais de setembro: os bancários, pelo decreto, deverão perder os 25% de gratificação mensal de que

hoje desfrutam (veja matéria na página 8).

ESTRANGULAMENTO DO PAÍS

As medidas do governo já estão causando terrível impacto na inflação e na produção. Com o aumento da gasolina, gás de cozinha, trigo e com a retirada dos subsídios ao crédito rural os preços dispararam.

Também a indústria vai muito mal. Segundo estimativas da Fiesp a produção industrial, em abril, está sofrendo uma queda de 3,5% em relação ao mesmo período do ano passado. Também indicativo da recessão é a arrecadação do imposto sobre circulação de mercadorias, que tem sofrido uma queda entre 8 a 10%.

Foi um banqueiro, numa reunião internacional realizada na Basileia nesta semana, que definiu a situação: “O Brasil é hoje o elo fraco do sistema financeiro internacional”. (Luiz Gonzaga)



O desemprego, que já atinge mais de 5 milhões, aumentará muito com as ordens do FMI



Reichmann e sua equipe do FMI: “pente fino” na nossa economia

Parlamentares contra o FMI

Os parlamentares opositores estão se mobilizando contra a ingerência do FMI na economia brasileira. No dia 14 eles transformaram a sessão do Congresso Nacional em “vigília cívica de protesto contra a presença de uma nova missão do FMI no país”, e divulgaram um manifesto denunciando: “Ao submeter-se às imposições do FMI, o governo brasileiro compromete a nossa soberania, entregando a estrangeiros as decisões sobre assuntos eminentemente nacionais”.

Indiferentes às críticas, o governo e o FMI continuam conspirando contra as riquezas da nação. O Fundo Monetário Internacional considerou insuficiente o corte de Cr\$ 2 trilhões no orçamento das empresas estatais e mostrou-se desgostoso com o “reco do governo em relação à redução de salários”, segundo uma fonte governamental. Thomas Reichmann, Struckmeyer e Ana Maria Jul, da comissão do FMI, estão passando um verdadeiro “pente fino” na economia brasileira.

Em Brasília, na terça-feira, os parlamentares divulgaram uma nota à nação denunciando a ação nociva dos acordos com o FMI, e exigindo o seu rompimento imediato, e “a consequente reformulação do modelo econômico”. Diz a nota: “A política recessiva, imposta pelo FMI e docilmente implementada pelo governo está levando ao sucateamento do parque industrial do País. Não podemos permitir que seja cometido mais este crime de lesa-pátria”.

Na vigília-cívica do Congresso, o deputado Luiz Guedes (PMDB-MG) apresentou algumas propostas para a grave crise que atravessamos: “É preciso derrubar definitivamente esse governo ilegítimo que insiste em se manter no poder, substituindo-o por outro, que tenha respaldo popular, seja eleito pelo voto direto e secreto, e se comprometa a romper os acordos com o FMI, suspender o pagamento da dívida externa e em convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana”.

Roberto Campos acha boas as imposições do Fundo

O discurso inaugural de Roberto Campos no Senado, dia 8, causou enorme rebulhão nas classes exploradoras. Suas 56 laudas foram transcritas na íntegra pelo *Jornal do Brasil* e *O Globo*, a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*. Num ambiente de perplexidade geral, Campos aparece como o homem que apresenta uma saída: render-se de vez ao FMI.



O senador faz seu discurso: uma defesa aberta das “imposições do FMI”

Ele próprio sintetizou suas duas horas de discurso em uma só frase: “As imposições do FMI eu chamo de imposições do bom senso”. As duas horas foram integralmente dedicadas à defesa dessas imposições, do controle da natalidade à recessão e ao desemprego, do ataque às empresas estatais ao completo achatamento dos salários.

Depois de traçar um quadro desolador da economia brasileira, Bob Fields lança um ataque virulento contra as empresas estatais, em primeiro lugar a Petrobrás. Ridiculariza o monopólio do petróleo. Ataca com fúria a reserva de mercado e a proteção da indústria nacional. Encaminha inclusive um projeto de lei dividindo as estatais entre seus funcionários, para criar o que chama “capitalismo do povo”. Poderíamos até considerar esta sugestão do senador, se fosse

para começar com a Esso, a General Motors, a Volkswagen...

Grande parte da “atenção” de Roberto Campos é para os trabalhadores. Um de seus projetos simplesmente acaba com os reajustes semestrais pelo INPC, em nome da “livre negociação salarial”. Ora, senador, como pode haver negociações livres num país sem direito de greve, nem liberdade sindical, nem liberdade de manifestação, e no meio da maior recessão da história do Brasil?

O senador também investiu furioso contra a proposta de suspensão dos pagamentos da dívida externa, propondo uma renegociação segundo a vontade dos banqueiros. Atacou a proposta de eleições diretas para a Presidência da República. Atacou também a bandeira da Assembleia Constituinte. E, numa demonstração do aguçamento das contradições no regime, disse ser contra a reeleição de Figueiredo e contra candidatos militares.

A PATRULHA AVANÇADA

Não por acaso, o discurso foi pronunciado justamente no dia em que o ministro Galvães anunciava o pacote econômico do governo — um pacote que como todo mundo sabe não resolve problema algum. Logo em seguida, começou a se falar com insistência na volta de Roberto Campos para o Ministério do Planejamento, e houve até quem cogitasse seu nome para a Presidência.

O discurso faz parte de um plano que vai se armando e não só pelo sr. Campos. No comando estão os homens do FMI. E, a serviço deles, outros testas-de-ferro, como Milton Simonsen, do Citibank, Otávio Gouveia de Bulhões, da Souza Cruz e outros desse tipo — é a quinta coluna que atua como patrulha avançada da ofensiva do capital estrangeiro para avassalar o Brasil.

Vida e obra de um vende-pátria

Roberto Campos, também chamado Bob Fields, devido a seu entusiasmo pelo Tio Sam, já em 1951 era membro da Comissão Brasil-EUA, de onde saíram vários golpistas de 1964. Mais tarde, os lanques o levaram para o Comitê Interamericano do tristemente célebre *Aliança para o Progresso*. É um homem des EUA no Brasil. Por isso mesmo Castelo Branco chamou-o para ministro do Planejamento, responsável pelo modelo de exploração e entreguismo mais tarde batizado de “milagre brasileiro”. E de sua autoria o arrocho salarial e o fim da estabilidade, assim como a reforma tributária que centralizou na mão do governo federal os recursos do país.

de amigo do milionário americano Daniel Ludwig, foi quem entregou-lhe as terras do tristemente famoso Projeto Jari. Nomeado mais tarde embaixador em Londres, dedicou-se — segundo denúncia de sua ex-amante no jornal *O Pasquim*, a embolsar ali uma lucrativa “caixinha” com

propinas de investidores estrangeiros.

A eleição dessa figura para o Senado Federal, pelo PDS de Mato Grosso, é abertamente contestada pelas oposições, que denunciam as mais grotescas fraudes, decisões para a “vitória” governista no Estado.



Bob Fields e sua ex-amante, vistos por Paulo Caruso



Ulysses adverte — “eleições diretas porque somos contra o continuismo”

PMDB lança luta por eleições diretas

O PMDB deflagrou no último dia 15, em Goiânia, com a presença de cerca de 10 mil pessoas, a campanha nacional por eleições diretas para presidente da República. A participação popular além do esperado fez com que o ato deixasse ser em recinto fechado, como o previsto, para se dar em praça pública. Participaram da concentração grandes lideranças da oposição, como Ulysses Guimarães, Pedro Simon, Orestes Quêrcia, Humberto Lucena, Henrique Santillo, Mauro Borges, Aldo Arantes, Cristina Tavares, Jorge Uedeque, Iran Saravia e o governador de Goiás, Iris Rezende.

Bastante aplaudido, o deputado federal Aldo Arantes afirmou: “Não adiante o povo eleger apenas governadores e ter um governo federal que bloqueia as verbas dos Estados. É necessário reconquistarmos o direito de eleger de maneira direta o presidente da República. Esta luta faz parte da luta geral pela completa democratização do país”.

O Vice-presidente do PMDB, senador gaúcho Pedro Simon, condenou o colégio eleitoral que está montado para escolher de forma indireta o presidente: “O povo tem que se mobilizar para dizer um não às pretensões de um colégio eleitoral lançoche que irá falsear a vontade da nação elegendo um presidente sem ouvir o clamor popular”. Já o vice-governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, foi incisivo: “O povo tem muito mais sensibilidade para encontrar a saída para a crise que se abate sobre o país, do que o regime militar que nos conduziu a esta séria crise”.

FMI É O PATRÃO
O líder do PMDB no Senado, Humberto Lucena, lembrou que ainda “encontram-se em vigor as famigeradas leis de exceção criadas pelo regime ditatorial. Não teremos democracia enquanto não forem revogadas estas leis que procuram calar a voz da nação, amordaçando o povo. A luta por eleições diretas representa o fim do reinado do regime autoritário”. O senador Henrique Santillo enfatizou a necessidade de eleições diretas, pois “as grandes campanhas políticas só se fazem com a força do povo”.

Ovacionado, o governador de Goiás, Iris Rezende, reafirmou que seu governo está comprometido com o povo. “Quero dizer que não me afastarei um centímetro sequer da luta por eleições diretas para presidente da República, da luta pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Goiás marchará firme rumo à conquista da plena democracia no país”.

Finalizando, o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, conclamou o povo a abraçar com todo vigor a campanha por eleições diretas para presidente da República. Afirmou ser necessária a discussão durante a campanha que se inicia dos grandes problemas nacionais, como a dívida externa, a inflação, a dependência do país ao FMI. “O povo mais do que nunca deve marchar unido rumo a conquista da liberdade, da democracia, para dizer não ao FMI que é hoje o verdadeiro patrão deste desgoverno que está aí!” (da sucursal)

O PT, dividido, admite “momento muito difícil”

Esvaziado e dividido, o PT realizou dia 12 suas pré-Convenções municipais e distritais em São Paulo — onde em 1982 havia obtido 71% dos seus votos. Ao final, prevaleceu a posição do “Manifesto dos 113”, assinado por Lula, entre outros: admite que o partido vive “um momento muito difícil”, mas insiste na linha que o conduziu à situação atual.

O esvaziamento pode ser medido por uma comparação com as Convenções do PT há 12 meses. Na época, segundo o **Boletim Nacional do PT**, “entre 60 e 70% dos filiados (64.064 em São Paulo) foram votar em seus diretórios”. Já nas últimas pré-Convenções votaram cerca de 6 mil militantes, segundo a avaliação de dirigentes estaduais petistas.

Dos 56 Diretórios da capital paulista, nove não alcançaram o quórum de 10% dos filiados; e três nem fizeram pré-Convenção. Nos 37 municípios da Grande São Paulo, o PT tinha Diretórios em 29, mas só obteve quórum em 16. E nem houve pré-Convenção no importante município proletário de Mauá, no ABC, com

200 mil habitantes e 18 mil votos no PT em 1982. Não se tem ainda o quadro completo das pré-Convenções no interior, mas avalia-se que não houve quórum em cerca de 50 dos 119 Diretórios do partido.

Assim, o PT paulista está hoje bem abaixo do número mínimo de 114 Diretórios Municipais (20% dos 572 municípios existentes) que a lei exige para reconhecer uma legenda. E isto no único Estado onde o partido foi votado por uma parte minoritária mas não desprezível das massas trabalhadoras. Nos outros Estados, onde o PT ficou em média com 1,3% do eleitorado, parlamentares petistas comentam que a legenda está reduzida a “uns poucos quadros e um pinguim de estudantes”.

O “Manifesto dos 113”, que desde o seu lançamento no dia 2 já recebeu outras adesões, parece espelhar a opinião dominante no partido sobre essa situação. Reconhece que “o PT vive, hoje, um momento muito difícil”, embora “não aquela crise que os seus inimigos apregoam”. E, ao expor seu diagnóstico, solta os cachorros contra outras correntes petistas, que estariam numa “ofensiva

interna” contra o partido. “Combatemos — dizem os “113” — as posições que tentam diluí-lo (o PT) numa frente oposicionista liberal, como o PMDB”. É o primeiro recado, para os quadros petistas, principalmente parlamentares, que “por conta própria” buscam o entendimento e a unidade de ação com outras correntes oposicionistas. Mas há ainda um segundo recado, contra os grupos organizados, em geral trotskistas, que o PT abriga: “Também combatemos aqueles que se encerram numa proposta de partido vanguardista tradicional, que se autonegaria representante da classe trabalhadora”.

A MESMA RECEITA

O documento ajuda a entender o pensamento dominante na direção do PT. Por um lado, ele sente-se incomodado com os grupos trotskistas, que ganham espaço dentro do partido na exata medida em que este se afasta dos trabalhadores. Porém por outro lado, apesar de dizer que “não temos uma receita infalível” para os problemas do país, o documento insiste na mesma “receita” aplicada na campanha eleitoral, com maus resultados: fogo cerrado contra as “forças que se dizem de oposição”; e recusa em buscar a ampla unidade de ação capaz de isolar e pôr abaixo o regime dos piores inimigos dos trabalhadores.

Ao insistir na antiga “receita”, e atacar os que tentam colocá-la em questão, os “113” queiram ou não queiram terminam abrindo o caminho para os grupos transformarem em teoria o seu espírito de seita. No Diretório Distrital da Freguesia do O, por exemplo, dos destes grupos terminaram aliando por completo o setor identificado com Sérgio Santos, que foi o deputado estadual mais votado da região em 15 de novembro.

Em nível nacional o quadro é bem pior. Não é segredo que as pré-Convenções não se deram nos demais Estados justamente porque haveria o risco delas transformarem de vez o PT num quieto retalhado entre estas facções, e completamente distante do povo trabalhador.



Nas pré-Convenções, como esta, de Diadema, o PT descobre que diminuiu este ano.

As convenções do PMDB e os reclamos do povo trabalhador

As Convenções municipais e distritais do PMDB, dia 3 de julho, transcorrerão num quadro político complexo. O regime coloca em prática o seu projeto. Coopta o PTB e procura atrair os setores mais vacilantes das oposições. O PMDB cai na perplexidade. Ainda não consegue dar resposta aos graves problemas nacionais.

Diante da gravidade da crise, torna-se mais do que nunca essencial transformar o PMDB num partido de combate, num partido de lutas. As convenções de 3 de julho podem ser transformadas numa grande oportunidade para ativar o debate político do partido e tirar conclusões práticas sobre a saída para a crise econômica e política. Serão um instrumento propício à mobilização em defesa das eleições diretas para a Presidência da República. E para levantar as bandeiras do não pagamento da dívida

externa, da realização de uma reforma agrária radical e da ruptura dos famigerados acordos com o FMI. Sem o partido ativo e sem o povo nas ruas não há saída que atenda aos interesses populares e nacionais. O regime continuará manobrando para jogar o peso da crise sobre o povo e para concretizar a farsa das eleições indiretas.

Seria um grave erro transformar as Convenções em mera disputa de espaço para assegurar posições nas eleições futuras. O PMDB tem um compromisso de luta pelo fim do regime militar e de realização de governos democráticos e voltados para os interesses do povo. No entanto, isso não tem ocorrido. As disputas internas se agudizam, os governadores eleitos pela oposição se distanciam do povo e o desencanto se generaliza.

É necessário termos presente que numa situação de crise os governos

de oposição não farão grandes obras e que sua preocupação fundamental para assegurar o apoio popular consiste em manter firme a bandeira oposicionista e realizar governos de ampla participação popular. As disputas pelas eleições de 1986 e 1988 devem se subordinar à luta maior pela plena democratização do país e pela realização de administrações que atendam pelo menos parcialmente às aspirações populares. Para que isso ocorra torna-se fundamental que os setores populares do partido se organizem, formulem propostas concretas e mobilizem a opinião pública no sentido de contribuir para a dinamização do partido e para que os governos de oposição mantenham a coerência com o programa do nosso partido. (Aldo Arantes, deputado federal do PMDB de Goiás e membro da comissão coordenadora da campanha em defesa das eleições diretas).



Os servidores federais de São Paulo estão de braços cruzados há um mês

Servidor sofre pressão mas continua greve

O movimento grevista dos servidores públicos federais — que já dura mais de um mês — se expande por vários Estados e o governo se nega a abrir negociações. A entrada do Rio de Janeiro reforçou muito a paralisação por concentrar o segundo maior contingente de servidores do país. Já foi criada uma Comissão de Assistência Jurídica, com participação da OAB, para prevenir eventuais represálias.

Na quarta-feira, 15, os servidores federais estavam parados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraíba, Goiás e Pará. Diante desta greve que atinge cerca de 200 mil funcionários públicos, o governo federal se mostra totalmente insensível. O Comando Nacional de Paralisação manteve contato com os representantes do PMDB, PT e PDT que se mobilizaram, infrutiferamente, na tentativa de abrir um canal de negociação com representante do governo.

Para Mônica Nogueira, secretária-geral da UNSP (União Nacional dos Servidores Públicos), o fato do governo negar-se a sentar na mesa de negociações com os servidores, ao mesmo tempo em que se submete às auditorias do FMI, deixa claro “a falta de autocracia dos nossos governantes, que hoje apenas repassam as diretrizes traçadas pelo Fundo Monetário”.

O Comando Nacional de Paralisação soltou um documento onde afirma que só a firmeza e a crescente força do movimento “levará o governo à mesa de negociações”. E a greve no Rio

— que concentra 134 mil servidores — teve início na manhã de terça-feira, dando um novo ânimo no movimento. Segundo o Comando de Paralisação, no final do primeiro dia estavam totalmente parados os grandes hospitais. Em Goiás, na sua primeira semana a greve estava se expandindo. Pela primeira vez os funcionários da Escola Técnica, em Goiânia, realizavam um movimento paradedista. No Rio Grande do Sul, segundo Carlos Newton, do Comando de Paralisação, “o movimento está progredindo, pois a cada dia é uma cidade a mais que adere à luta”.

PROSSOES E ATRITOS

Em São Paulo, que foi o primeiro Estado a entrar em greve, no dia 18 de maio, alguns postos de atendimento voltaram a trabalhar durante a semana. Juntaram-se às pressões das direções os atritos com os segurados. Apesar de considerarem o movimento justo, a situação crítica dos segurados acabou levando alguns ao desespero. Um auxiliar de portaria do Posto de Benefícios de Santo Amaro, na Zona Sul de São Paulo ex-

plica: “Eu não tiro a razão deles, moram numa região muito carente e quando a pessoa começa a passar fome, eles só vêm do lado deles”.

A imprensa burguesa, aproveitando estes incidentes, tentam jogar a opinião pública contra os grevistas. O jornal **O Estado de São Paulo**, em editorial chegou a afirmar que o movimento era “inconstitucional” e “ilegal”. Mas os próprios segurados não pensam desta maneira. Conversando com vários deles que aguardavam na porta do Posto de Benefícios do INPS, na Baixada do Glicério, em sua ampla maioria apoiaram a greve dos servidores.

“É uma coisa justa e legal”, afirmou José Bernardes de Barros, antigo armador da construção civil e hoje aposentado. Ele explica que alguns ficam revoltados com a greve por não receber em dia os benefícios.

“Mas depois ele esfria a cabeça e vai ver o que ele já passou e vai dar razão aos servidores”. Alguns criticavam a greve mais por desinformação. O alfaiate Hugo Senonai contestava as grevistas até que pegou um folheto que os servidores distribuíam e que mostravam que tiveram um aumento só de 64% ao ano. Ai Hugo mudou de opinião: “Mas se eles têm só isso de aumento, eles estão com razão”.

“AÇÃO DE PROVOCADORES”

O governo federal — que se nega a atender o legítimo direito dos servidores — tenta jogar a população contra os grevistas. Durante a assembleia, realizada em São Paulo, na segunda-feira, os servidores denunciaram que alguns elementos que estavam incentivando o quebra-quebra em Santo Amaro foram vistos mais tarde na Lapa. Segundo eles, “isto mostra a ação de provocadores”.

Apesar destes contratempos, o ânimo do Comando Nacional de Paralisação continua elevado. Este Comando, transferido para a sala da Comissão do Serviço Público da Câmara dos Deputados, em Brasília, serviu para dar maior ressonância ao movimento. E Mônica Nogueira ressalta que “temos amplas condições de obter êxito em nossas reivindicações, pois a perspectiva é que a greve se alastre pelos diversos Estados”.

Então aguardam uma definição do governo em abrir negociações, os servidores públicos conseguem ampliar o leque de solidariedade à seu movimento, desde parlamentares a juristas. Para se prevenir contra eventuais represálias, foi criada uma comissão de assistência jurídica, formada por assessorias jurídicas de diversas entidades estaduais, pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e pelo jurista Dalmo Dallari. No início dessa semana, a Comissão entrou com um mandado de segurança preventivo contra qualquer punição que venha a ocorrer.



Servidores cariocas pararam o Hospital Andaraí

“Preciso ganhar mais”

Em dezembro o governo deu um reajuste anual aos servidores públicos federais de 64%, parcelado em duas vezes (40% em janeiro e 24% em maio). Mas uma vez o funcionalismo público sofria uma perda em seu salário. Nos últimos 19 anos houve uma queda nos salários de mais de 100%. Para combater esse arrocho foram a greve exigindo, entre outras coisas, reposição salarial de 70% até maio, 13% salário e reajuste semestral. A situação de dois deles, ouvidos pela 10, mostra a justiça de suas reivindicações.

Na portaria do Posto de Benefícios de Santo Amaro — Zona Sul de São Paulo — trabalha Severino (nome finto, pois ele teme sofrer represália). Ganha Cr\$ 35.998,00 mensais e, mesmo sendo

solteiro, diz que “no final do mês não sobra nada”. Severino paga Cr\$ 15 mil de aluguel por dois cômodos no Jardim São Luis e com o que ganha não consegue a manutenção não sobra dinheiro para enviar a seus pais que moram no Piauí. “Nem isso posso fazer”. Depois de um dia agitado, tentando impedir os segurados de invadir o posto, explica: “E foge! Pelo que a gente faz aqui devíamos ganhar mais”.

Antônio Carlos Guimarães trabalha no Posto de Benefícios na Baixada do Glicério e ganha Cr\$ 63 mil por mês. Casado, pai de três filhos, é obrigado a trabalhar à noite num outro emprego, como perturbador de computador num banco, para poder sustentar a família e pagar o aluguel da casa.

A violência dos usineiros em Pernambuco

No último dia 6 o governador de Pernambuco, o pedesista Roberto Magalhães, recebeu uma comissão integrada por dirigentes da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetape), que lhe entregou um documento com provas de inúmeros casos de violências praticadas por usineiros e donos de engenhos contra os lavradores.

Entre as denúncias há um caso de vandalismo ocorrido recentemente no Engenho de Tamatuba de Flores, no município de Buenos Aires, onde o administrador Sebastião, vulgo Baixa, espancou brutalmente o lavrador Ednaldo de Barros, simplesmente porque este havia reclamado contra as fraudes no pagamento. Ele trabalhara cinco dias e recebera dois.

A Fetape afirma no documento que a violência é organizada, com uma sucessão de agressões físicas no atual período de entre-safra. Os patrões têm duplicado e até triplicado as tarefas diárias; suprimindo na prática o repouso semanal remunerado; desvirtuando as lavrarias de subsistência; pago apenas 20% do salário semanal, com a exigência, sob coação, de que os lavradores assinem recibo do pagamento integral;



“Milícias” de jagunços armados controlam o trabalho dos canavieiros.

e expulsado, por meios violentos, os trabalhadores permanentes e moradores de engenhos, substituindo-os por trabalhadores temporários.

Também é denunciada a existência de “milícias” armadas destinadas a intimidar os lavradores que reclamam contra irregularidades na

medição das contas e nos pagamentos. O deputado estadual do PMDB, Luciano Siqueira, no dia seguinte, usou a tribuna para se solidarizar com os trabalhadores rurais e mostrar sua descrença em que o governador coíba as violências no campo. (da sucursal)

Cresce a luta dos desempregados no R.G. do Sul

Cresce a luta contra o desemprego no Rio Grande do Sul, onde há 300 mil desempregados, 10% da mão de obra do Estado. No último dia 10 mais de 2 mil pessoas, entre desempregados e seus familiares, saíram às ruas de Canoas para exigir da prefeitura medidas urgentes contra o desemprego. Diante da pressão, o prefeito bionício do PDS acabou atendendo várias reivindicações: mil ranchos serão distribuídos; os filhos dos desempregados com menos de cinco anos terão creches; foram liberados passes de ônibus e o pagamento das contas de água e luz.

Paulo Paim, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, e o vereador Luis Antônio da Silva, têm se destacado nesta luta. Já os desempregados de Cachoeirinha reuniram no dia 11 na Câmara dos Vereadores e decidiram fazer um abaixo assinado contra o desemprego e formar uma Comissão de Luta Contra o Desemprego. Em Passo Fundo foi criada a Associação dos Desempregados, presidida por João Luis do Prado, apesar das sucessivas ameaças de repressão. Em Porto Alegre a Câmara Municipal promoveu uma semana de debates sobre o tema que culminou com uma sessão Especial no dia 14. O vereador Valmir Antunes coordenou o Seminário.

(da sucursal)

Passateia de 5 mil contra repressão da PM em Maceió

Uma manifestação em defesa da meia-entrada nos cinemas, convocada pelo DCE da Universidade Federal de Alagoas e pela UEE, transformou-se numa passateia com mais de 5 mil pessoas contra a repressão policial no último dia 9. Os estudantes faziam uma concentração pacífica no centro de Maceió contra a portaria do Concine quando apareceu a Tropa de Choque da PM para intimidar. O deputado Eduardo Bonfim, líder do PMDB, exigiu que a polícia não reprimisse, mas mesmo assim os PMs tentaram dispersar a manifestação lançando o caminho sobre os populares. Só recuaram porque o vereador do PMDB, Ederberto Ticianelli, postou-se à sua frente.

Imediatamente os estudantes saíram em passateia em direção ao Palácio do Governo para exigir de governador Saruagy, do PDS, o fim da repressão às lutas populares. Aos poucos a passateia foi sendo enfiada por centenas de populares e outros parlamentares oposicionistas. Como alegou-se que "o governador não está", que o vice "já tinha saído", Bonfim exigiu a presença do chefe do Gabinete Militar. Novamente a Tropa de Choque tentou dispersar os manifestantes, mas frente à resistência teve que se retirar, ficando do lado de dentro do Palácio, o chefe do Gabinete se comprometeu que não seriam mais reprimidos as manifestações pacíficas dos estudantes.

(da sucursal)

Estudantes já têm meia-entrada em Manaus

Desde meados de maio os estudantes de Manaus soterraram, parcialmente, a portaria do Concine que extinguiu a meia-entrada nos cinemas. O Diretor Central dos Estudantes da Universidade Federal do Amazonas, através de conversações com os empresários de cinema, convenceu-os de que além da portaria ser arbitrária, ela é economicamente inviável. Em decorrência disso, apenas quatro dos novos cinemas existentes na capital estão obedecendo à determinação do Concine. Os demais já liberaram a meia entrada para os estudantes em todos os horários, assim como para os operários e populares. Para Gina, diretora do DCE, "a revogação da portaria do Concine em cinco cinemas de Manaus é uma grande conquista dos estudantes e demonstra a sua força". Quanto aos quatro cinemas que resistiram, em aceitar a carteira de estudante, Sávio recém-eleito presidente da União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas, afirma: "Nos entendemos que hoje é necessário bicotear os cinemas que acatarem a decisão do Concine. Se perdurarem nesta posição nos vamos para a rua, levando todos os estudantes, para recuperar um direito conquistado há anos". E Vanessa, presidente do DCE, acrescenta: "Estamos mobilizando os estudantes não só para conseguir abrir os outros quatro cinemas, como para reagir a qualquer pressão que o MEC-Concine venha a fazer sobre os empresários que negam a portaria".

(da sucursal)

Metalúrgicos de Niterói vão às urnas

Nos dias 28 e 29 de junho ocorrem as eleições no segundo maior sindicato operário do Rio de Janeiro, o dos Metalúrgicos de Niterói. Concentrada nos grandes estaleiros navais, como a Maclaren e o Mauá, esta categoria é uma das mais combativas do movimento operário no Estado, delatando poderosas mobilizações, entre as quais se destaca a greve de 1982.

Concorrem ao pleito três chapas. A chapa 1 é encabeçada pelo atual presidente da entidade, Abdias dos Santos, e reúne destacadas lideranças e ativistas que desmontaram na greve do ano passado, como Maurício de Mendonça, colaborador da **Tribuna Operária**, ajudante de mecânico da Comar, demitido da Maclaren por sua participação ativa na greve do ano passado.

A chapa 2 tem à sua frente o traidor Rosalvo. Junto com outros elementos da sua chapa, Rosalvo enganou a categoria na mobilização do ano passado, aceitando acabar com a greve em troca de um suborno oferecido pelos patrões. Nas eleições de 15 de novembro este grupo oportunisticamente entrou no PDT para tentar se valer do prestígio eleitoral do partido e canalizá-lo para a chapa nas eleições sindicais. Mas no momento a chapa se encontra tão isolada que nem o próprio PDT de Niterói se dignou a dar-lhe apoio. A chapa 3 tem na sua cabeça o ex-presidente da entidade, onde se perpetuou por nove anos, perdendo em 1980 para a chapa de Abdias. Nela se con-

(da sucursal)

Na luta, desempregados obtêm êxitos em S. Paulo

Uma importante vitória foi obtida pelo Comitê de Luta Contra o Desemprego na última semana: graças às suas constantes mobilizações, ele conseguiu a liberação do Largo 13 de Maio para a manifestação do dia 20 pela manhã, quando é prevista a presença de mais de 5 mil pessoas.

OUVIDOS NA LUTA
No mês de maio, após intensas lutas, os desempregados foram recebidos em audiência pelo governador Franco Montoro, do PMDB, quando entregaram ofício propondo a formação de uma comissão integrada por sindicalistas, pelo Comitê e pelo governo do Estado para debater medidas que estão ao alcance do governo estadual. Mas depois houve um "esfriamento" deste encaminhamento. Os desempregados voltaram então a se mobilizar. No dia 13, em três áreas operárias de São Paulo foram realizadas manifestações. Um membro do Comitê da região Leste da cidade con-



Arleide, líder

dizeres: "Queremos trabalho", foram afixados. Aqui, 5 mil pessoas se juntaram. Um trabalhador declarou: "eu já estava pra me matar, devido à falta de emprego. Mas daí apareceu o Comitê Contra o Desemprego, e me deu novo alento à vida".

Uma comissão foi à Secretaria do Trabalho, onde levou um "chá de cadeira" até as 20 horas. No dia seguinte, novas manifestações. Mais de 2 mil pessoas em Santo Amaro. Ao colocar cartazes no Largo 13, Arleide Alves, líder do movimento, foi presa. Desempregados foram às fábricas da avenida Nações Unidas, realizar comícios de protesto. Na quarta-feira, novamente Arleide começou o dia sendo presa, causando ampla revolta entre os trabalhadores. O secretário do Trabalho, que compareceu ao local, ordenou a soltura da líder do Comitê Contra o Desemprego.

Escoltada por policiais, Arleide propôs a realização de uma grande assembleia, além de defender a participação dos trabalhadores na comissão que estudará a isenção do pagamento de água e luz e concessão de passe e de cesta de alimentos aos trabalhadores sem emprego. O secretário Pazzianotto responsabilizou a política econômica do general Figueiredo pela situação calamitosa em que se encontra o povo. Solidarizou-se com o movimento dos desempregados, considerando-o justo.



Mutuários decidem não pagar aumento de 130%

Em todo o país ouve-se protesto "Não aos 130% do BNH". Em São José dos Campos, São Paulo, reuniram-se no último dia 12 cerca de mil mutuários na Praça Afonso Pena para condenar o aumento das prestações. Em Salvador, Bahia, outros tantos se encontraram pelo mesmo motivo. Um ponto é comum a todos! Não pagar os 130% nem o reajuste semestral.

Luciano Rodrigues, líder no Con-

junto Vista Verde, em São José, afirmou: "A vaca já atolou até o chifre. O povo não tem mais paciência para aguentar o desemprego, a fome e a corrupção. O BNH está falido e morto e o que está morto é preciso enterrar. Quem tem que cuidar do sistema financeiro no país somos nós, mutuários e trabalhadores." Outro mutuário, Jorge Félix acrescentou: "No meu conjunto está tudo cheirando a bolor e tudo rachado pois a construtora abandonou o conjunto e o BNH

não fiscaliza. O Brasil é governado pelo FMI. Temos que lutar todos juntos contra este roubo, pois não temos governo e sim um bando de ladrões." O prefeito Robson Marinho, que ajudou o ato e deu toda a infraestrutura, discursou afirmando: "Toda vez que o povo se organizar estarei ao seu lado. Sou também um mutuário. Ou melhor, um mortuário. O povo é capaz de impor sua vontade e não engolir tudo que lhe é colocado por este regime imposto pela força das armas há 19 anos.

A reunião decidiu: 1) Suspender o pagamento das prestações e comunicar ao BNH esta decisão. 2) Ação declaratória na Justiça. 3) Não aceitação das propostas de refinanciamento feitas pelo BNH. 4) Não aceitação do pagamento semestral. 5) Congelamento das prestações para os desempregados. 6) Responsabilização das construtoras pela assistência e manutenção das casas financiadas pelo BNH. 7) Participação dos trabalhadores e mutuários na fiscalização e gerência dos recursos do BNH.

A LUTA NA BAHIA

Nem aumento de 130% nem aumento de 98%, foi a principal decisão dos mutuários que realizaram uma assembleia estadual com cerca de mil pessoas no dia 11 no ginásio Antônio Balbino, em Salvador, Bahia. Na manifestação, ficou claro que mesmo com as medidas jurídicas adotadas, o movimento só será vitorioso se houver uma ampla mobilização dos interessados.

Foi aprovado o mandato de segurança, como principal medida jurídica, e o pagamento das prestações em juízo. Em termos de organização, a luta foi aprovada uma articulação nacional, visando um encontro de representantes dos mutuários de todo o país. No dia da entrega do mandato de segurança coletivo em Brasília, haverá uma grande vigília em Salvador.

"Isso representa coação"

A contestação ao reajuste-bomba nas prestações do BNH parte desde os mutuários até a Ordem dos Advogados e os partidos de oposição. O deputado federal Freitas Nobre, advogado e líder do PMDB na Câmara, explicou a TO qual é, na sua opinião, o caminho que deve ser seguido pelos mutuários:

TO. O que significa o novo decreto do governo sobre as prestações?

F.N. A pressão popular e do Congresso levou o governo a um recuo inicial com relação ao aumento de 130%, porém esse recuo condiciona a adoção do reajuste de 98% à aceitação pelo mutuário de uma modificação no seu contrato, admitindo os reajustes semestrais das prestações. Isso representa uma coação e permite que os mutuários contestem juridicamente essa alteração contratual. Na verdade, se aceitarem essa coação eles acabarão pagando tanto ou mais que os 130% anteriormente propostos.

TO. Qual é agora a solução jurídica para os mutuários?

F.N. Os mutuários devem entrar com ação consignatória na Justiça Federal de primeira ins-

tância. Isso significa dizer que o mutuário deposita em juízo o valor correspondente à prestação reajustada em 98% e contesta a sua elevação semestral. Todo mês o mutuário faz esse depósito judicial, garantindo assim a continuidade da ação e escapando do novo reajuste depois de seis meses.

TO. Não há o perigo de perder a ação e ter que pagar a diferença?

F.N. É claro que esse risco existe, mas há uma forma de se prevenir quanto a ele. Basta que o mutuário requiera ao juiz federal que as importâncias depositadas sejam beneficiadas da correção monetária. Assim, no caso de perder a ação — o que não acredita — o valor depositado acrescido da correção monetária será suficiente para cobrir a diferença que ele seria obrigado a pagar.

TO. Que tipo de assistência jurídica os mutuários podem conseguir?

F.N. Tenho conhecimento de que numerosas entidades estão dando assistência jurídica ao mutuário.

(Moacir Oliveira Filho, de Brasília)

A Viração dá a volta por cima

No primeiro semestre deste ano letivo Viração venceu 15 das 27 eleições para diretoria de entidades gerais estudantis (DCEs e UEEs). Esta verdadeira avalanche indica o amadurecimento desta corrente que vem se ligando cada vez mais ao estudantado com propostas concretas.

Paralelamente à retomada do movimento estudantil neste primeiro semestre, a tendência Viração obteve grandes vitórias. Em 27 eleições para entidades gerais manteve-se em cinco delas, conquistou dez como tendência dominante e perdeu apenas duas. (Veja quadro).

O expressivo crescimento de Viração deve-se, entre outras coisas, à desilusão do estudantado em relação às propostas de correntes ligadas ao PT. O fraco desempenho eleitoral do PT acabou com o entusiasmo de boa parcela dos estudantes. Mas foi a própria ação dessas correntes no movimento estudantil que evidenciou que, além de se limitar a fazer propaganda daquele Partido, elas não tinham propostas próprias e concretas para o movimento estudantil. As entidades onde estavam à frente nem sequer assumiram a luta contra a portaria do Concine ou pela suplementação de verbas para as escolas federais, à beira da falência.

Viração apareceu cobrindo este espaço em muitos Estados, como no Ceará, Goiás e Alagoas. No Nordeste, onde predominam as universidades federais, foi esta corrente que dirigiu a luta pela suplementação de verbas.

Por outro lado, os estudantes da Viração procuraram não se isolar das demais correntes, preocupados em relançar a participação da mas-

Estado	Entidade	Tendência dominante antes das eleições	Tendência dominante após as eleições
RS	DCE/PUC	Centeinha	Viração
	DCE/IUI	Viração	Viração
PR	DCE/JFR	Dissidentes de Vir.	Viração
	DCE/UCPCR	Dissidentes de Vir. ligados ao PT	idem
RJ	DCE/JFRJ	Dissidentes de Vir.	Viração
	DCE/UFF	Frente de Viração com PT	Viração
ES	DCE/UFES	Voz da Unidade	Viração
	DCE/UFMG	Voz da Unidade e Voz do Povo	Liberdade e Luta
MG	UEE	Viração	Anarquistas
	DCE/UCMG	Centeinha	Voz da Unidade
GO	DCE/UFBA	Viração	Voz da Unidade e Centeinha
	UEB	Caminhando	Viração
BA	DCE/Feira de Santana	Viração	Viração
	DCE/UFAL	DCE/ recém fundado	Centeinha e Caminhando
AL	DCE/UFAL	Viração	Viração
	DCE/UFRR	PT	Viração
PE	DCE/UCPE	PT	Voz da Unidade
	DCE/UFPE	Centeinha	Voz da Unidade
PB	DCE/APE	PT	Viração
	DCE/UFPB	PT	Viração
CE	DCE/UFCE	Caminhando e Voz da Unidade	Viração
	DCE/UFPI	PT	Viração
PI	DCE/UFPA	Caminhando	Caminhando
	DCE/UFPA	Caminhando	Caminhando
DF	DCE/UnB	Caminhando	Caminhando
	DCE/UFMT	PT	PT

sa estudantil nas entidades e na luta. Uma excessão foi na Universidade de Rio Grande, onde Viração recusou-se a fechar uma chapa unida com estudantes independentes e de outras tendências. E perdeu.

Em todos os locais onde estava ligada às massas, preocupada com suas lutas concretas e não com uma visão grupista do movimento estudantil Viração ganhou. E ao que não devia, daqui para a fim do ano deverá estar na direção de muitas outras entidades. (Olivia Rangel)

FALA O POVO



Não tenho onde morar depois de pagar 11 anos!

Depois de 35 anos de serviço aposentei-me. E já nesta altura, 1973, adquiri através de uma transferência uma casa cujo primeiro mutuário do IPESP, vinculado ao BNH, era funcionário da Companhia Municipal de Transportes Coletivos. Era um motorista, que tinha cumprido dois anos de contrato de compra, que era de 20 anos. Assumi os restantes 18 anos, dos quais tenho ainda pela frente nove anos para pagar.

por ocasião deste evento um amigo do peito me advertiu que eu estava cometendo uma loucura, pois todo o negócio onde está a influência ou direção do BNH é uma arapuca, agiotagem; que até agora ninguém levou vantagem ao adquirir uma casa através deste banco mascarado de habitacional. Não acreditei nas palavras daquele amigo. O tempo foi passando e eu na mais doce crença e ingenuidade tornei-me, como outros milhões de mutuários agora, um reles inquilino do tal Banco que, na sua volúpia e voracidade de lucro, ao estender suas garras não distingue sequer o aposento de baixo renda, que é o meu caso.

Quando assumi o compromisso de compra da casa onde ainda estou residindo, o IPESP exigiu renda familiar de outros componentes de minha família. Dois filhos e uma nora assinaram apresentando formalmente o quanto recebiam de salário. Mas desde aquele evento até agora nenhuma deles teve condições de cooperar no pagamento das prestações, que têm sido saldaadas por mim. Para isso, voltei a trabalhar e, com os dois salários (um da minha baixíssima aposentadoria), pagava as prestações.

Em abril passado fui surpreendido com a minha dispensa do emprego onde vinha trabalhando há 22 meses. Agora somos vítimas deste novo assalto perpetrado pelo BNH. Vou ter que me sujeitar a pagar o escorchante aumento de 130%, quando terei um

Outro pacote

O Sistema só nos dá mais inflação e calotas graças aos FMI que exige mais pacotes

No Rombo da Previdência os pacotes entraram em ação Tudo vai ser empacotado para agradar o João

Em todos os setores do governo tudo é gerido via pacotes ou serem desembalhados só trazem cacetudas e calotes o Banco Nacional de Habitação no momento é o meio caloteiro no golpe e na agiotagem é o grande pacoteiro

De mutuário a inquilino o golpista está graças e com a mesma indiferença aciona com a sumária ação que despeja

Os mutuários estão descrentes com a conduta do BNH que como o FMI não impõe condições impossíveis de aceitar

aumento de 45/13% na minha aposentadoria!

Estou num terrível dilema. Meu filho, casado e com dois filhos menores, está desempregado há dois anos. E para completar eu também perdi o emprego. Temos que pagar uma dívida pela qual nós, assalariados, não somos responsáveis. Gostaria que o BNH se definisse, qual critério vai adotar. Não é justo que eu depois de pagar 11 anos no contrato de 20 seja obrigado a morar de baixo da ponte, tendo pago mais da metade do compromisso que assumi há dez anos. (J.L. - São Paulo, SP)



fala o POVO

O aumento de 130% nas prestações de casas do BNH vem causando problemas seríssimos para os mutuários. Em sua maioria, não podem pagar as prestações com este aumento. E correm risco de perder suas casas, como conta a carta de um mutuário paulista. Aposentado, sem emprego e com o filho também desempregado, ele não sabe o que fazer. Já pagou 11 anos e não quer ficar na rua aos 72 anos de idade, tendo trabalhado durante 35 anos... Alguns movimentos organizados de mutuários já começam a ocorrer, como nos informa a carta

de Suzano, onde uma comissão foi formada para orientar a luta dos moradores de casas financiadas pelo BNH. Os mutuários têm invagado direito de permanecer nas casas que pagam. (Olívia Rangel)



Rebelião da fome chega a agitar

A cidade mineira de São João Del Rey viveu dias de grande tensão com quebra-quebra e saques de lojas e supermercados, em razão de um anúncio feito na Rádio São João Del Rey.

O anúncio no programa do radialista "Compadre Vieira", de grande audiência, convocava 800 pessoas que tivessem braços fortes para trabalhar. Nem é preciso dizer que compareceram milhares de interessados, inclusive de cidades circunvizinhas.

No entanto, um fato inédito ocorreu. Quando todos dormiam e comiam nas filas foram surpreendidos quando um elemento do "Bau de Felicidade" anunciou a escolha de três pessoas que nem tinham ficado na fila e que se tratava da venda de carne do Bau. A revolta foi geral e as 3 mil pessoas passaram a quebrar os vidros da Rádio São João Del Rey aos gritos de "Queremos o Compadre Vieira, ele é um mentiroso".

Dali para o saque às lojas e supermercados foi questão de minutos. A polícia de Barbacena, cidade vizinha deslocou uma tropa de choque para conter a multidão, sob comando do tenente Carlos Alberto Boffa.

Até hoje a cidade vive um clima de revolta. A polícia local foi impedida de falar à imprensa e o delegado José Rezende foi transferido por ordem superior. O radialista teve que ser escoltado pela polícia para uma fazenda distante. E a polícia acha que houve infiltração de gente do PT local interessada em atingir o governador Tancredo Neves, segundo o delegado José Rezende. O que todo mundo está estranhando é que nenhuma emissora de TV que faz propaganda do Bau entra naquela região e diante de fatos tão graves a grande imprensa, embora presente, se calou. (E.G. - São João Del Rey-Minas Gerais).

Aposentado do Funrural morre sem assistência

Meu sogro ficou doente do aparelho digestivo e procurou assistência em Belém, por não ter um especialista em Santarém. Lá chegando simplesmente o deixaram morrer à mingua sem assistência, sem nada. Faça essa denúncia através desse combativo jornal, por ser eu um operário e esclarecido. Minha esposa está revoltadíssima e todos os dias vive pedindo a Deus a criação do socialismo, onde um camponês como foi o meu sogro, não venha morrer sem nenhuma assistência e ajuda dessa sociedade decadente e desumana.

Meu sogro produziu muito e no entanto não teve o merecido valor por parte dos generais e aqui em casa ninguém quer saber de ver um cidadão fardado. Todos atribuem a perda desse herói camponês, que foi o meu sogro, à ditadura sangüinária e miserável. Todos nós, na família, temos fé nesse Brasil que será um gigante socialista, e onde será erigida uma sociedade de pessoas de bem e com muita dignidade. Aceite um forte abraço dessa família enlutada por essa camarilha imunda e asquerosa. (uma família leitora da TO-Vitória, Espírito Santo).

PDS importa o Pró-Família

Quando a entrevista que dei à TO sobre declarações do sr. Osvaldo Palma, ex-secretário da indústria no governo Maluf.

Políticos como o sr. Maluf e cia utilizam-se, sem nenhum constrangimento ou pudor das mulheres (mães, esposas ou filhas) para dar uma lufada "familiar e legal" às suas negociações comerciais, muitas das quais ilícitas e voltadas contra os interesses da Nação, como é o caso das que ocorreram durante a viagem do sr. Maluf ao Japão, quando até

mesmo o corpo das mulheres paulistas foi negociado, para melhor satisfazer a política imperialista através do controle de natalidade imposto oficialmente através do Programa Pró-Família, onde nem mesmo as autoridades médicas brasileiras puderam opinar.

A opressão e discriminação se estendem a todas as mulheres, independente de sua condição social. No entanto, elas reagiram diferentemente a esta condição. (Mária Amélia Teles-Presidente da União das Mulheres de São Paulo).

Acidente mata mas a Promove lava as mãos

Meu irmão, o operário João Luis de Oliveira, de 50 anos, morreu em acidente de trabalho na primeira quinzena de maio. A firma em que trabalhava, a Promove, não deu nenhum centavo de indenização. Tive que pagar tudo, o caixão, o atestado de óbito e a sepultura.

O Zé Luis caiu de uma altura de 5 metros. Em conversa que tive com os colegas de trabalho dele, fiquei sabendo, inclusive, que o socorro que ele recebeu não foi bom, o que contribuiu para sua morte.

Fiz a denúncia para o Sindicato. O mestre-de-obra que estava viajando para São Paulo, quando chegou,

me procurou para que eu retirasse a queixa do Sindicato. Mas não ofereceu nenhuma indenização.

Isto não está certo. Já existia no Sindicato outras queixas contra a Promove. Ela não pagava em dia os funcionários. Os operários, que deveriam receber semanalmente, estavam sem receber há cerca de um mês.

Firmas como a Promove sugam o sangue do operário até a morte. E não se preocupam nem um pouco com a vida do trabalhador. O que eles querem mesmo é lucro, aumentar a riqueza de uns poucos e a miséria da grande maioria de nosso povo. (M.L.O. Goiânia, Goiás).

Em Vila Diva povo conquista linha de ônibus

Vila Diva é um bairro situado na Zona Leste de São Paulo. Queria colocar alguns dos problemas que não só a Zona Leste mas também as regiões vizinhas e em particular a Vila Diva enfrentam no que se refere às condições de transporte.

Existia uma linha de ônibus do Bairro até a Praça do Correo. Tinha sérias debilidades, como atraso, superlotação, mas atendia grande número de usuários, ainda que precariamente. Há cerca de 1 ano e meio atrás, em fins de 81, a Cia Auxiliar de Transportes retirou arbitrariamente a linha. Devido à insatisfação geral, a Cia resolveu recolocar alguns carros, mas só no período da manhã. E a insatisfação crescia.

Foi nesse impeto que no dia 24 de abril último realizamos a 1ª Assembleia de Moradores da Vila Diva e bairros vizinhos, que teve presença maciça de popularmente: volta imediata da

linha VD-Correo, que fosse encampada pela CMTC, e melhores condições de transporte. A assembleia tirou três comissões: a de contatos, que se encarregou de contactar o secretário de Transportes, Getúlio Hanaishi; a de redação, encarregada de fazer os boletins que circulavam no bairro informando os moradores dos abaixo-assinados (8 mil assinaturas) e divulgando o movimento; e a de fiscalização, levantando a situação de transportes no bairro.

Nosso movimento cresceu. E em audiência com o Secretário dos Transportes, no dia 14 de Maio, conquistamos a linha de volta, com ônibus da CMTC. A linha foi inaugurada pelos moradores, com a presença do Secretário. Temos 6 ônibus, ainda insuficientes, mas a frota será aumentada. Foi nossa primeira vitória, mostrando a potencialidade da população de resolver seus problemas. (Bia-São Paulo, SP).



CCQ é um verdadeiro atentado ao operário

Sou operário, trabalho na linha de montagem e ando apavorado com o tal Circuito de Controle de Qualidade, CCQ, que a Volk implantou para explorar seus operários ainda mais.

O CCQ é importante para a firma, que em alguns setores têm vários grupos de CCQ. Os coordenadores reinem os operários e fazem uma lavagem cerebral para que o companheiro venha a aderir e ser membro do CCQ.

Para mim o CCQ é um atentado. Entre as dezenas de grupos existentes na Volk saem as mais variadas ideias e todas para ferir os operários, inclusive aumentando o desemprego. O CCQ bola de tudo. Troca máquina, peça, e até mesmo elimina máquinas e peças. Os líderes e coordenadores ainda têm a cara de pau de falar na apresentação de ideias que o CCQ

Não tira emprego bem racionalizada a produção. Para infelicidade dos operários, os membros do CCQ que estão de cérebro lavado não conseguem ver que ao trocar ou eliminar peças nosso emprego está sendo comido.

Tem grupo de CCQ tão avançado contra nós, operários, que chegou a sugerir que os mecânicos, eletricitas de manutenção e outros podem ser substituídos. Assim a Volk não tem nada a ver com manutenção. Se um mecânico da Volk ganha 1.200 cruzeiros por hora, o mecânico de empreiteira ganha 280 por hora e a Volk não gasta nada com o companheiro da outra firma. Como operário, e sentindo a exploração, tento desabar. E posso afirmar que operário consciente não aceita este tipo de exploração. (um operário da Volk-São Bernardo, São Paulo).

Mutuários do BNH se unem contra aumento

No dia 11 de junho, na sede do Sindicato dos químicos de Suzano, foi realizada reunião dos mutuários do BNH da região, para combater o aumento de 130% da prestação da casa própria, já denominado de "conto da casa própria".

Nessa reunião foi formada uma comissão de mutuários e discutido o encaminhamento dessa luta, que já está contando com o apoio dos Sindicatos dos Químicos e do Papel e Papelão da região.

Muito se discutiu sobre a situação dos mutuários que, graças à política econômica e financeira do governo e

do FMI, vêm tendo seus salários archoados, aumentos abusivos e arbitrários da prestação de suas casas.

Nessa reunião foram tiradas comissões para mobilizar o maior número de mutuários, atingindo vários conjuntos habitacionais, inclusive de outras cidades, como Mogi das Cruzes, Poá, Ferraz de Vasconcelos e Itaquaquecetuba, além de unificar o nosso movimento com os mutuários do restante do Estado e do País, barrando esse aumento de 130% nas prestações. (José Lilla, membro da Comissão de Mutuários de Suzano e região-São Paulo).

Brastubo volta a demitir para poder preservar seus lucros

A Brastubo demitiu mais de 45 funcionários. Esta empresa, que há dois anos tinha 400 empregados, explorando-os com uma carga enorme de horas extras, a partir da crise implantada pelos generais começou a cortar os funcionários. Hoje ela está reduzida a 150. Só em fevereiro foram demitidos 69 empregados. E mais 30 estão ameaçados de serem demitidos. Foram postos na rua funcionários antigos, com mais de dez anos de empresa.

Um funcionário foi demitido logo depois de voltar da caixa, onde estava devido a acidente de trabalho, do qual ainda não se recuperou completamente. Esta é a lei dos capitalistas: tiram a saúde do trabalhador, explorando-o durante dez anos e depois, quando ele está inválido, jogam-no fora como um bagaço. Também foram demitidos todos os delegados eleitos para participar do Congresso dos Metalúrgicos. (grupo de operários da Brastubo-São Paulo, SP).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Jogo sujo da divisão

As classes dominantes procuram por todos os meios impedir o avanço do proletariado e de seu partido de vanguarda no movimento popular e democrático. Usam a polícia, tentam desmoralizar e isolar os comunistas, tratam de dividir e confundir as fileiras operárias.

LUTA UNITÁRIA

Tanto na luta econômica, por melhores salários, melhores condições de trabalho, contra o desemprego, como nas questões mais gerais, pela liberdade política, pela democracia popular e pelo socialismo, a classe operária tem interesses unitários. Independente das diversas categorias, a classe operária não se divide em setores com objetivos distintos. Por isto mesmo ela orienta-se por uma única teoria revolucionária e científica, o marxismo-leninismo, e organiza-se em torno de um único partido político, o partido comunista.

A burguesia tem o máximo empenho em mascarar estas coisas. Em primeiro lugar utiliza-se dos revisionistas para organizar entre o proletariado partidos que se denominam comunistas (como o PCB) mas cuja função primordial é amariar as lutas revolucionárias e promover a conciliação de classes.

Em segundo lugar trata de usar também os grupos pequeno-burgueses que tentam disputar com o proletariado a direção da revolução. Atualmente destacam-se os grupos como a denominada Convergência Socialista, de caráter trotskysta, cujo principal objetivo é dividir as forças revolucionárias. Os trotskystas são conhecidos inimigos da classe operária, que vivem repentinamente a necessidade de entendimento entre as diversas correntes operárias. Com isto pretendem confundir as massas e ver se o partido marxista-leninista do proletariado divide a sua direção, ou seja, abandona o seu papel de força de vanguarda.

CONCEITO DE CLASSE

Na luta contra o desemprego, por exemplo, embora se tenha conseguido uma razoável unidade, são frequentes as tentativas dos trotskystas de promover ações paralelas para reivindicar uma alteração nos Comitês de Luta Contra o Desemprego. Nos sindicatos e na PROCUT, a atividade dos grupos trotskystas e revisionistas tem servido constantemente para imobilizar as entidades e dar maior campo de ação para os pelegos.

Outra forma incentivada pelas classes dominantes para confundir o proletariado, é a diluição do próprio conceito de classe operária. Certos grupos, com orientação de intelectuais que pretendem falar em nome das massas, passam a falar genericamente em trabalhadores, Misturam nesta denominação bancários, professores, engenheiros, pequenos comerciantes, camponeses, etc. Alguns falam mais genericamente ainda em assalariados e com isto igualam as categorias citadas inclusive gerentes e executivos que são na verdade apêndices da burguesia.

DIREÇÃO FIRME

Bancários, professores e engenheiros podem ser trabalhadores, mas não são parte da classe operária e sim da pequena burguesia. Da mesma forma os camponeses, embora sejam trabalhadores, muitas vezes são também patrões. Não podem ser considerados como operários. Todos estes podem ser firmes aliados do proletariado, não só na luta pela democracia popular. Certas parcelas cumprirão um papel importante mesmo na etapa da revolução socialista. Mas isto só se realizará se a classe operária exercer com segurança o seu papel chave, de classe de vanguarda, não se deixando enganar pelas manobras dos que pretendem dividi-la.



Zico: do país do futebol para o Eldorado de dólares Italiano

Leilão de craques: Itália arremata metade da seleção

Falção, Edinho e Juari já estão no milionário futebol italiano desde alguns anos. Zico, Eloi e Toninho Cerezo partiram na semana passada. Sócrates, Junior e Batista estão em entendimentos finais e tudo indica que também se deixarão seduzir pelo canto da sereia.

A torcida brasileira presencia, perplexa, o maior êxodo de craques de toda a história do nosso futebol. Mais da metade dos titulares da nossa seleção mudaram-se, ou estão em vias de mudar, para o centro de maior pujança financeira do esporte mundial. Um titoteio de mais de uma dezena de milhões de dólares envolveu essas transferências, botando água na boca dos ministros da ditadura mendigando no balcão do FMI.

Zico, protagonista da mais vultuosa de todas as negociações, ganharia, em três anos de contrato, mais de dois milhões e meio de dólares. E o Flamengo já recebeu outros quatro pelo valor do passe. Ninguém discute o direito que qualquer profissional, inclusive os futebolistas, tem de exigir e reivindicar salários dignos e justos. Mas o que se vê nessas transações são cifras absurdas, principalmente por estarem vinculadas à prática do esporte.

Não é o talento do jogador que está sendo recompensado. É a sua capacidade de atrair lucros e multiplicar o investimento. É a sua forte presença na mídia e o consequente retorno em verbas de publicidade. Da mesma forma, não é a "profissão" que se valoriza em tais negociações, porque elas premiam sobretudo alguns "fenômenos" ao

mesmo tempo em que milhares de profissionais perambulam no mais brutal abandono.

O futebol brasileiro perde muito com essa sangria de talento e perde mais ainda ao submeter-se, cada vez mais, a essa estrutura densa de cifras e ótica de ética e princípios. O futebol italiano, a despeito da festa das torcidas que recepcionarão nossos craques, também não ganhará nada em termos esportivos. A prostituída estrutura esportiva da Itália, onde quem tiver dinheiro compra até um clube inteiro, age para minar todas as características culturais que deveriam cercar o esporte.

Nem Zico nem Sócrates são mercenários. Ao contrário, já deram provas de dignidade e honestidade em episódios esportivos e mesmo em acontecimentos políticos, como nas eleições no ano passado. E nunca lamberam as botas dos generais, como aquele conhecido gênio do futebol e apologeta do racismo, do imperialismo e do voto indireto, São vitimas. Muito bem remunerados, mas não deixam de ser vitimas nisso tudo.

Quanto aos torcedores, que se acostumam aos pontapes de Marcio, aos chutes sem direção de Betão, à zonzeira de Borges. É essa a seleção que a Itália nos deixou formar. Uma tristeza...

(J. Madureira)

Clube do Choro

O chorinho nas ruas

No último dia 12 a rotina dominical da rua João Moura foi quebrada. Por iniciativa do Clube do Choro, ela foi transformada na primeira "rua de lazer para música" de São Paulo — e quem sabe, do Brasil. Na abertura desse importante fato para a música popular, a presença de Paulinho da Viola, Paulinho Nogueira, e de vários regionais e "chorões".

A festa na rua marcou o sexto aniversário do Clube do Choro, entidade de defesa da música popular que vinha sofrendo vários problemas para continuar em atividade, mas que agora está se rearticulando em torno do bar "Clube do Choro", de Helton Altman, um jovem de 23 anos.

"O Clube do Choro", conta Helton, "foi criado para registrar e arquivar tudo o que acontece no gênero. Fundado em 1977, já mudou de sede três vezes, por falta de dinheiro pra pagar o aluguel".

SHOWS GRATUITOS

Para enfrentar essas dificuldades, Helton resolveu abrir um bar, com o nome do clube, e em torno dele impulsionar a entidade: "o pessoal pensava numa sala para conversar e tocar, estudar o chorinho, essas coisas. Mas daí eu pensei — 'tem que ser um negócio mais aberto', e parti pra ideia do bar. O cara vem, toma um me, ouve um choro. E continua as atividades do clube, de pesquisa, documentação, produção de discos e shows, venda de discos e livros sobre música. Chegamos a fazer um jornal, o 'Urubu Malandro'. E agora, pra democratizar ainda mais a coisa, pra não ficar restrito ao bar, tem essa 'rua de lazer', que funciona todos os domingos, das 14 às 19 horas, com show gratuitos, rolas de música popular, pra todos participarem, sem gastar nada".

O Clube do Choro tem



Caffe, Paulinho da Viola e o símbolo do Clube, Urubu Malandro.

vários sócios consagrados, como Paulinho da Viola e Paulinho Nogueira, Roland Boldrin, Paulo Vanzolini, Misício Caffé, Ademilde Fonseca e Ivone da Flauta. Apesar da pouca participação feminina, Helton diz que não é um clube machista.

"Acontece que a mulher, geralmente, não é instrumentista, e o choro é basicamente instrumental. Hoje tem a Rosinha de Valença, e poucas outras instrumentistas. Tem a Ademilde cantando, mas o choro autêntico não tem letra. Mesmo chorinhos conhecidos, como Carinhoso, Apanhete Cavaguinho, receberam letra vários anos após terem sido compostos. O choro é uma forma de tocar. De repente uma saia pode ser choro. O nome nasceu devido ao sentimento de melancolia que dá a baixaria de violão. Depois entrou a flauta, em seguida o ritmo. Só depois é que entrou a letra. Então o samba, por exemplo, geralmente tem letra, e pode ser instrumental. Já o choro é instrumental, e pode ter letra".

— Sempre que se fala em choro, vem a mente o "Carinhoso" e outras canções consagradas. E o chorinho novo, como fica?

Helton responde de imediato: "Sempre que vou a uma pizzaria, peço mizurela, o que não quer dizer que as outras pizzas não sejam boas. E mais ou menos a mesma coisa. 'Carinhoso', 'Lamento', 'Brasileirinho', são músicas muito boas e muito conhecidas. Não foi a toa o seu sucesso. E por isso são sempre solicitadas. Mas tem outros choros não tão conhecidos, mas também muito bons. Tem o Esmeraldino Sales, por exemplo, um compositor do nível do Pixinguinha, mas que não tem nada gravado. Mas essa preferência por algumas músicas, que passam a ser referências daquele gênero, não acontece só com o choro. Em São Paulo, se tiver samba, tem que ter o 'Ronda', o 'Trem das Onze' e o 'Barração de Zico'".

FORA DE CATALOGO

— E nos grandes meios de comunicação, o choro tem espaço?

Helton: "Basta ver que, na inauguração da rua de lazer, com mais de 3 mil pessoas presentes, a Globo não veio. Nos jornais diários, a cobertura foi fraca. Programas de Choro, nas rádios, não duram um mês. Falta patrocinador ou sei lá o quê. Se for de música punk, sempre tem quem patrocine o programa. Nas gravadoras, depois que saiu aquele 'estouro' do chorinho, a uns anos atrás, os discos saíram até do catálogo."

Além de São Paulo, o Clube do Choro existe também em Brasília, no Rio de Janeiro (desativado), abriu recentemente em Recife, e tem ainda a "Casa do Choro", em Belém. Quanto ao bar, abre todas as noites, com chorinhos ao vivo, na rua João Moura, 763, para onde os interessados em entrar em contato com o Clube devem se endereçar.

(Carlos Pompe)



Os jovens também choram pelos dedos.

As melhores músicas do festival da Ufal

Após vários meses impedido de circular devido a problemas com a Censura Federal, finalmente foi liberado o LP "III Festival Universitário de Música", produzido pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Alagoas. O disco traz as músicas vencedoras do Festival, realizado em Maceió em 1981.

A Censura seguiu, por vários meses, as músicas "Raízes", de Francisco Elpidio Eliezer Setton, e "Legião dos Condenados", de Ricardo Mota. Por isso o disco referente ao III Festival Universitário de Alagoas sai com atraso. O IV Festival já foi realizado, e deverá dar origem a um novo LP. E neste ano um novo Festival deverá acontecer.

Gravado no Estúdio Rozemblit, em Recife, o LP traz músicas bastante variadas, tanto pelos ritmos (sambas, xotes, marchas, etc.), quanto pela temática. Mas é uma amostra signifi-

cativa — e um trabalho bem cuidado — da produção musical dos jovens alagoanos.

SONHO E REALIDADE

Apresentando o disco, a diretoria do DCE-UFAL, gestão 82/83, conta: "Em Alagoas já eram conhecidos os Festivais Universitários antes de serem interrompidos abruptamente. A tarefa de fazê-los renascer não era fácil: exigiu foi muito suor e dedicação na gestão 81/82 do DCE-UFAL, liderada pelo estudante de Engenharia Civil Edberto Ticianelli. Era o pouco dinheiro; era a falta de experiência; era, o que é pior, o critério discriminatório de uma censura que, mesmo ilegítima e odiada, obstina-se em tolher a criação artística, obstina-se em servir como um rolo compressor a tudo que vê como 'ameaça' à perpetuação dos que hoje estão no Poder insistindo em fazer da fome e da opressão o lar para o povo brasileiro". Mas as dificuldades foram vencidas e está aí o LP do Festival que, como diz a própria diretoria do DCE, "certamente ficará na história do Movimento Estudantil".



A capa do disco é do chargista Enio

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, antiga Trav. Brig. Luis Antonio, Bela Vista, São Paulo. CEP 01318. Telefone: 36 7531 (DDD). Telex: 01132133 TLOPBR.

Subscrições:
Anual: R\$ 12,00 (incluindo frete)
Semi-anual: R\$ 6,00 (incluindo frete)
Trimestral: R\$ 4,00 (incluindo frete)

Redação: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP. CEP 01318-000. Telefone: 36 7531. Telex: 01132133 TLOPBR.

Assinaturas:
ACRE — Rio Branco: Rua Belém, 91, Estação Experimental Rio Branco. CEP 69000. AMAZONAS — Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 — A (Praça da Saudade) — Caixa Postal 1430 — CEP 69000. BAHIA — Belo Horizonte: Rua Av. Amazonas, 260 — Centro — CEP 65000. MARANHÃO — São Luiz: Rua do Machado, 174 — Centro — CEP 65000. PIAUÍ — Teresina: Rua Eusebio Martins, 1130, 19 andar — CEP 64000. CEARÁ — Fortaleza: Rua do Rosaio, 313, sala 206. CEP 60000. SOBRAL: Av. Dom José, 1236, sala 4. CEP 61100. RIO GRANDE DO NORTE — Natal: Rua Tricorne, s/n. CEP 51000. PERNAMBUCO — Recife: Rua do Sossopo, 221 — Boa Vista — CEP 50000. GARAÍPE — Rio de Janeiro: Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3. CEP 20000. ALAGOAS — Maceió: Rua Coronel Prata, 210, Centro. CEP 57000. SERGIPE — Aracaju: Rua João Pessoa, 299, sala 26. CEP 49000. BAHIA — Salvador: Rua Sen. Costa Pinto, 845, Centro. CEP 40000. Feira de Santana: Rua Celso Vargas, 260, sala 101. CEP 44100. CEARÁ — Fortaleza: Rua José Nunes de Matos, 12, CEP 42800. Itabuna: Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204. CEP 45600. MINAS GERAIS — Belo Horizonte: Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 — CEP 30000. Juiz de Fora: Rua Coronel Constantino Valadães, 30 andar, sala 411. CEP 36100. GOIÁS — Goiânia: Rua Antônio Araújo, 3001, sala 1309. CEP 74000. DISTRITO FEDERAL — Brasília: E-5, G-5, G-6, G-7, G-8, G-9, G-10, G-11, G-12, G-13, G-14, G-15, G-16, G-17, G-18, G-19, G-20, G-21, G-22, G-23, G-24, G-25, G-26, G-27, G-28, G-29, G-30, G-31, G-32, G-33, G-34, G-35, G-36, G-37, G-38, G-39, G-40, G-41, G-42, G-43, G-44, G-45, G-46, G-47, G-48, G-49, G-50, G-51, G-52, G-53, G-54, G-55, G-56, G-57, G-58, G-59, G-60, G-61, G-62, G-63, G-64, G-65, G-66, G-67, G-68, G-69, G-70, G-71, G-72, G-73, G-74, G-75, G-76, G-77, G-78, G-79, G-80, G-81, G-82, G-83, G-84, G-85, G-86, G-87, G-88, G-89, G-90, G-91, G-92, G-93, G-94, G-95, G-96, G-97, G-98, G-99, G-100. MATO GROSSO — Curitiba: Rua Comandante Faria, 703/717. CEP 301. CEP 78000. ESPÍRITO SANTO — Vitória: Rua Manoel Odeiro, 127, sala 908. CEP 29000. RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro: Rua Carvalhos de Souza, 155, loja F. Madureira, CEP 20000. Niterói: Av. Amador Pinto, 370, sala 807. CEP 24000. DUCAS DE CAXIAS: Rua Nunes Alves, 40, sala 101. CEP 25000. NOVA IGUAÇU: Rua Dr. Manoel Teófilo, 74, sala 605. CEP 26000. SÃO PAULO — S. Bernardo do Campo: Rua Juracy Magalhães, 1716, sala 9, 1º andar. CEP 06700. São Caetano do Sul: Rua Santa Catarina, 39, sala 309. CEP 09500. Campinas: Rua Prof. Luis Rosa, 94. CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 11º andar. CEP 13400. Piracicaba: Rua Dr. Pedro de Toledo, 1847. CEP 13400. PARANÁ — Curitiba: Av. Winston Churchill, 2032, sala 3. CEP 81000. Londrina: Rua Sengul, 89, sala 7 e 8. CEP 86100. RIO GRANDE DO SUL — Porto Alegre: Rua General Câmara, 152, sala 29. CEP 90000. CAXIAS DO SUL: Rua Dr. Montauray, 658, 1º andar, sala 15. CEP 95100.

Publicações da Editora Anita Garibaldi

- Imperialismo e Revolução (Enver Hoxha) Cr\$ 800,00
 - Farabundo Martí herói do povo de El Salvador Cr\$ 200,00
 - Educação revolucionária do comunista (Dídgenes Arruda) Cr\$ 500,00
 - Pela Liberdade e pela democracia popular (João Amazonas) Cr\$ 500,00
 - Socialismo, Ideal da classe operária e ansio de todos os povos Cr\$ 500,00
 - Revisionismo chinês de Mao Tse tung (João Amazonas) Cr\$ 800,00
 - Discurso aos Eleitores (Enver Hoxha) Cr\$ 300,00
 - Princípios n. 1, 2, 3, 4 e 5 Cr\$ 400,00
 - Relatório ao 8º congresso do PTA Enver Hoxha Cr\$ 800,00
 - Guerilha do Araguaia esgotada
 - Os comunistas e as eleições (Léon) Cr\$ 400,00
- Pedidos a editora Anita Garibaldi S/A, Rua Major Queidino, 300, sala 3 CEP 01050 - Bela Vista, São Paulo, Capital.

Exploração dobrada na Fiat de Betim

Na Fiat de Betim, Minas Gerais, que paga os mais baixos salários da indústria automobilística brasileira, o ritmo das linhas de montagem está se intensificando nos últimos meses. Depois do "facão" que jogou na rua 1.398 operários, em 1981, a produção aumentou 13,5%. Na montagem de motores, 45 trabalhadores têm que fazer hoje o serviço que 48 faziam.

Todo dia, às 16:30 horas, a apressada multidão dos operários da Fiat Automóveis atravessa a portaria 5 em direção aos ônibus. Alguns percorrem a pé até três quilômetros dentro da fábrica, para alcançar os portões. A fadiga é visível nos rostos. Minutos depois, muitos já dormem nos ônibus. Os que moram em Divinópolis têm ainda 114 quilômetros de viagem pela frente. Assim eles voltam aos seus lares, depois de dez horas e meia vivendo como escravos das linhas de montagem.

"Quando um colega vai almoçar, os outros têm de trabalhar por ele"

A fadiga, causada pela intensificação do ritmo de trabalho, criou um ambiente de tensão e guerra. "O clima da Fiat está tão violento que é briga toda hora e não dá tempo nem de ir ao banheiro" — diz um operário da mecânica. Nas linhas, até o tempo para ir ao banheiro é rigidamente controlado: oito minutos na seção de pintura, cinco minutos na funilaria.

Durante os turnos de almoço, das 10 às 13 horas, o trabalho fica mais pesado.



Hora da saída na portaria 5: a fadiga de quem foi escravo da linha de montagem por 10:30 horas

Na pintura, "um colega sai para almoçar e a linha não para, continua na produção normal. Quem fica trabalha dobrado, pois tem que fazer o trabalho do outro" — denuncia revoltado um trabalhador.

Nos seus 84 anos de existência, a multinacional italiana acumulou uma enorme fortuna de como explorar ao máximo os operários. Utiliza para isto uma legião de tec-

nico e especialistas — analistas de trabalho, cronometristas, assistentes sociais, psicólogos.

O cronometrista, por exemplo, mede o tempo mínimo que um operário da linha de produção gasta para executar uma tarefa, tomando cuidado para ninguém notar. Um operário da montagem de motores afirma que o cronometrista "só marca o tempo ali na linha; o tempo que se fica fora da linha, preparando material, ele não mede". Estes cálculos são usados para apressar ainda mais o ritmo de trabalho.

Jair, sem férias há 24 meses, não agüentou e esqueceu o chefe

A aceleração produz consequências trágicas. Triste, um funileiro conta que "teve um colega, o G., que pirou na linha. Abaixou, perfo da linha de produção, de brucos, não conversava nada. Durante duas horas os chefes tentaram tirar ele dali e nada. Ai chamaram os guardas, que arrancaram ele a força". No último dia 15, Jair, com sete anos de Fiat, há 24 meses sem férias, não agüentou mais as perseguições do líder da seção, José Augusto. Esfaqueou-o ali mesmo. Foi preso e demitido.

Outra consequência do ritmo estafante de trabalho são os acidentes. A empresa está inclusive promovendo uma demagógica "campanha de acidente zero", mas os operários duvidam dela: "Eles colocam nos boletins todo incentivo pro pessoal — comenta um — mas combater o ritmo excessivo da produção eles não fazem. A segurança é pra empresa produzir mais".

A fábrica é dominada por uma rígida hierarquia. Na produção, há chefes para todo lado. Para cada grupo de uns dez operários, há um líder. Acima, vem o líder 2, o chefe de equipe, o chefe de seção, o gerente, o diretor de produção... Os chefes são usados para pressionar os operários, obrigá-los a fazer hora-extra, arrancar deles mais produção.

"Na linha que eu trabalho — declara um — se ela para por defeito mecânico ou falta de material, a chefia, pra ficar bem com o gerente, manda descer o pau pra tirar a produção em dia". Chefe que não tiraniza os operários de castigo, "vai para onde o serviço é mais pesado".

O temível serviço de vigilância da Fiat é comandado pelo tenente do Exército Maurício. Os vigias andam armados com revólveres e cassetetes, aparelhados com rádios de comunicação e viaturas que rondam a fábrica. Recrutados nas fileiras da PM e do Exército, tratam os operários com arrogância e fazem revistas humilhantes, além de terem o privilégio de "furar" a fila do restaurante na hora que querem.

O guarda disse: "Sabe que eu posso encher a sua boca de bala?"

No dia 12 de maio, um operário da mecânica não aceitou a humilhação de ver a comida do seu "marmiteix" vasculhada por um guarda, na portaria, e disse com raiva: "Sabe que eu posso jogar esta marmita na sua cara?". O guarda nem pensou — sacou a arma e, apontando-a para o peão, respondeu: "Sabe que eu posso encher a sua boca de bala?".

Nas vésperas de campanha salarial, a repressão fica mais intensa. A ida ao banheiro é vigiada, anota-se quem sai mais cedo, espias disfarçados de maçoção invadem os galpões. As assembleias na portaria da fábrica são ostensivamente fotografadas, tudo para intimidar.

Alvimar da Luz Dias, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, que trabalha na montagem de motores, conta: "Por várias vezes, me colocaram de serviço, tentando impedir meu trabalho sindical. Já botaram vigilante me seguindo". Outro diretor, José Rodrigues, inspetor de qualidade, já foi transferido de setor três vezes. Na greve de 1979 seu primo Guido Leão tornou-se um símbolo da luta dos operários, ao morrer, atropelado por um ônibus, quando a polícia dissolvia com violência um piquete de metalúrgicos.

(da sucursal de Contagem)

A negociata de Agnelli

A implantação da Fiat de Betim, em 1976, seguiu a orientação dos governos militares: escancarar as portas do país ao capital estrangeiro. O grupo italiano do poderoso chefe Conde Giovanni Agnelli, com sede em Turim, recebeu as mais escandalosas facilidades do general Ernesto Geisel e seu preposto no governo de Minas, Rondon Pacheco.

Alguns pontos mais vergonhosos e impatrióticos do acordo com a Fiat:

1. Cessão de uma área de 2 milhões de metros quadrados por 31,5 mil cruzeiros, pagos em 45 anos, sem juros e com quatro anos de carência.
2. Execução gratuita dos serviços de terraplanagem e compactação, segundo projeto da Fiat; construção das estradas perimetrais externas à fábrica; instalação do sistema de água potável industrial; instalação de 30 linhas de telefone e telex; participação do Estado com 46% do capital da nova empresa, de 155 milhões de dólares.



3. Garantia pelo Estado de financiamento no valor de 20 milhões de dólares para capital de giro, com as melhores taxas do mercado.

Ainda se proclamava de mão de obra aqui era farta, barata e pacata, "só perde para a Coreia do Sul". Mas dois anos depois de começar a funcionar a Fiat foi sacudida por duas vigorosas greves, desmentindo essa conversa.

O contingente de operários da fábrica é bem novo, formado principalmente por jovens vindos do campo.



Depois que o facão cortou 1.398 operários, a produção da multinacional cresceu 13,5%



A assembleia dos bancários em São Paulo. Na foto menor, o Arrocho.

Arrocho rejeitado no Banco do Brasil

Os funcionários do Banco do Brasil, em São Paulo e Brasília, demonstraram que estão dispostos a lutar contra o novo arrocho salarial que o governo pretende lhes impor com o mais recente "pacote econômico". No dia 13, em Brasília, mais de 600 funcionários reuniram-se em Assembleia geral, no Sindicato dos Bancários, decretando "estado de greve". No dia seguinte, em São Paulo, cerca de 2 mil bancários do "BB" também anunciaram o "estado de greve". E no dia 15, novamente em Brasília, mais de 4 mil funcionários voltaram a se reunir, apesar do governo ameaçar reprimi-los, para protestar contra a ameaça do arrocho.

Um pacote deverá ser assinado em breve pelo general Figueiredo, e nele poderão estar medidas que prejudicam os funcionários do Banco do Brasil. Desde corte no pessoal até o fim de gratificações, congelamento de comissões, suspensão de promoções, etc. Diante disso os funcionários do BB resolveram marcar um Dia Nacional de Paralisação, e lançaram um documento onde afirmam que as medidas entreguistas do governo e do arrocho contra os trabalhadores só serão barradas "pela resistência dos assalariados".

PREJUÍZOS AOS TRABALHADORES

Odair Silva Soares, mais conhecido por Faisca, funcionário do Cese do Banco do Brasil em São Paulo e membro da Comissão Executiva que coordena

a escolha do Comando Geral de Luta Contra o Pacote, explica que tanto os funcionários mais velhos como os novos serão prejudicados pelo pacote: "Quem, por exemplo, se aposentar, perderá a complementação da aposentadoria. E os mais novos perderão a gratificação semestral."

Faisca confia na "disposição de luta dos bancários, que é muito grande. No meu local de trabalho, numa única manhã foram entregues 40 propostas de sindicalização. Agora, há a necessidade e se politizar a luta, responsabilizar e se politizar o governo anti-democrático e pró-imperialista dos generais".

CONSTANTE CRESCIMENTO

Na assembleia dos 4 mil, em Brasília, as colocações que punham em xeque a política entreguista do regime militar e os acordos com o FMI foram entusiasticamente aplaudidas. E houve total adesão à perspectiva do Dia Nacional de Paralisação. Na opinião do funcionário da agência central do BB, Dário Nogueira, "a maior falha do movimento foi não ter tirado nenhum encaminhamento mais concreto, como a criação de uma comissão de mobilização e convocação de nova assembleia".

Mesmo assim, a perspectiva do movimento é de constante crescimento. Um exemplo disso é que, nos últimos três dias, ocorreram quase mil novas sindicalizações de funcionários do BB.



Alagoas contra violência sexual

Cerca de 5 mil pessoas participaram de uma passeata, no último dia 14 em Maceió, de protesto contra a violência sexual na capital de Alagoas. A passeata foi convocada pela União de Mulheres e 23 outras entidades e parlamentares — inclusive um do próprio PDS, que governa o Estado — e exigiu a exoneração do secretário de Segurança, Ardel Jucá.

Uma série de atentados de violência sexual, cometidos por uma "gang" de filhos de famílias ricas de Alagoas, está aterrorizando Maceió. A revolta é geral, porque até agora nenhum dos "filhinhos de papa" que praticaram seveias foi preso. A polícia sabe o nome de todos os maniacos sexuais, mas não revela, devido às pressões de gente poderosa que os protege. O próprio secretário de Segurança, Jucá, deixou escapar, numa entrevista de rádio, que havia "aconselhado" seu sobrinho (provável membro da "gang") a fugir de Alagoas para escapar da prisão.

PROVIDÊNCIAS IMEDIATAS

Uma intensa mobilização de várias entidades, sob a liderança da União

das Mulheres de Maceió — UMMA — foi desencadeada, exigindo a identificação e punição de todos os maniacos sexuais, sejam quais forem seus sobrenomes. A mobilização, que culminou na passeata de terça-feira, teve a participação ativa das mulheres parlamentares do PMDB. Segundo a vereadora Jurede Viana, "além de cobrarmos providências imediatas do governo para a identificação e prisão dos criminosos, pretendemos ir mais além, afim de conscientizar a sociedade para os vários tipos de violência que são cometidos contra as mulheres".

SECRETARIO CONVIVENTE

Jurede foi enfática: "Este governo que bota tropas de choque nas ruas pra reprimir com violência manifestações pacíficas de estudantes e trabalhadores desempregados, é o mesmo governo que, agora, quando as famílias estão assustadas e inseguras por causa deste bando de pervertidos, mantém a polícia omissa e um secretário de Segurança convivente com os criminosos".

(da sucursal)